



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO ARTES - IARTE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

A prática do canto gregoriano no Mosteiro de São Bento de São Paulo

**Uberlândia
2018**

PEDRO HENRIQUE DA SILVA COSTA

11211MUS024

A prática do canto gregoriano no Mosteiro de São Bento de São Paulo

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em música, instrumento:
Piano da Universidade Federal de
Uberlândia, conforme exigência para
a conclusão do curso. Orientação: Dr.
Silvano Fernandes Baia.

**Uberlândia
2018**

INSTITUTO DE ARTES - IARTE

PEDRO HENRIQUE DA SILVA COSTA

11211MUS024

A prática do canto gregoriano no Mosteiro de São Bento de São Paulo

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em música, instrumento: Piano da Universidade Federal de Uberlândia, conforme exigência para a conclusão do curso. Orientação: Dr. Silvano Fernandes Baia.

BANCA EXAMINADORA:

Uberlândia, 19 de dezembro de 2018

Profa. Dr. Silvano Fernandes Baia

Profa. Dra. Lilia Neves Gonçalves

Profa. M.^a Gisela de Oliveira Gasques

Lista de Figuras

Figura 1: Cantochão primitivo. A.....	9
Figura 2: Cantochão primitivo. B.....	9
Figura 3: Cantochão primitivo. C.....	11
Figura 4: Primórdios da grafia musical. A	11
Figura 5: Primórdios da grafia musical. B.....	12
Figura 6: Mosteiro de São Bento de Solemes. A.....	14
Figura 7: Mosteiro de São Bento de Solemes. B.....	14
Figura 8: Mosteiro de São Bento de Olinda. A	20
Figura 9: Mosteiro de São Bento de Olinda. B.....	20
Figura 10: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. A.....	21
Figura 11: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. B	21
Figura 12: Mosteiro de São Bento de São Paulo (1860)	23
Figura 13: Largo do São Bento (1910)	24
Figura 14: Palácio no Campos Eliséus. A	24
Figura 15: Palácio no Campos Eliséus. B.....	25
Figura 16: Liceo Coração de Jesus. A	25
Figura 17: Liceo Coração de Jesus. B	26
Figura 18: Chapitre Général des Abbés de la Congrégation de Beuron.....	28
Figura 19: Dom Abade Miguel Kruse, OSB, restaurador do Mosteiro.....	29
Figura 20: Dom Abade Miguel Kruse, OSB, restaurador do Mosteiro.....	30
Figura 21: Mosteiro de São Bento (1916). A	32
Figura 22: Mosteiro de São Bento (1916). B	32
Figura 23: Mosteiro de São Bento na atualidade. A.....	33

Figura 24: Mosteiro de São Bento na atualidade. B	33
Figura 25: Coro dos Monges do Mosteiro de São Bento de São Paulo	34
Figura 26: Antifonal antigo. A.	40
Figura 27: Antifonal antigo. B.....	41
Figura 28: Antifonal antigo. C.....	42
Figura 29: Rotina diária do Mosteiro	46
Figura 30: Missa conventual aos domingos (10h00min)	48
Figura 31: Missa Tridentina aos domingos (18h00min). A.....	49
Figura 32: Missa Tridentina aos domingos (18h00min). B.....	49
Figura 33: Missa Tridentina aos domingos (18h00min). C.....	50
Figura 34: Cartaz do Curso de Canto Gregoriano. A	68
Figura 35: Cartaz do Curso de Canto Gregoriano. B	69
Figura 36: Palestra de Canto Gregoriano	70
Figura 37: CD Celestia	72
Figura 38: Mosteiro de São Bento de Santo Domingo de Silos. A	74
Figura 39: Mosteiro de São Bento de Santo Domingo de Silos. B	75

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. O CANTOCHÃO NO MUNDO: HISTÓRIA E PRÁTICA CONTEMPORÂNEA	8
2.1 O CANTOCHÃO, ESTRUTURAS DENTRO DO RITO	15
2.2 REPERTÓRIO E OS LIVROS PRINCIPAIS UTILIZADOS	16
3. O CANTOCHÃO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE SÃO PAULO: HISTÓRIA E PRÁTICA CONTEMPORÂNEA	18
3.1. BREVE HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO	18
3.2. O CANTO GREGORIANO NA ORDEM DE SÃO BENTO	36
3.3. BREVE HISTÓRIA DA PRÁTICA DO CANTOCHÃO NO MOSTEIRO	37
3.4. PRÁTICA DO CANTOCHÃO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO	45
3.4.1. O sistema de ensino.	51
3.4.2. Os cursos de cantochão	65
3.4.3. A discografia, site e acervo online.....	71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
5. REFERÊNCIAS	81
5.1 REFERÊNCIAS DAS IMAGENS.....	83
5.2 REFERÊNCIAS AUDIVISUAIS	89

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é um estudo da prática do canto gregoriano na comunidade monástica do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Esse estudo se encontra, com as questões da espiritualidade e da vida religiosa desse mosteiro; acontece um diálogo entre a prática musical e a vida cotidiana dos monges. Analisar a música dentro desse escopo é também analisar a vida dessa comunidade, que no caso é religiosa, e a música está ligada diretamente com o dia a dia dos monges, no contexto religioso em que estão inseridos.

Temos duas linhas de pesquisa: com o foco na musicologia, que analisa as grafias, os manuscritos, as formas supostamente originais de se interpretar o canto gregoriano; e a música inserida nos ritos e nos serviços religiosos, música em serviço da oração. Esses dois olhares são muito importantes para a compreensão dessa prática musical é imprescindível que eles se dialoguem. Esta pesquisa tem o foco na análise da relação musical dentro da vida monástica, ou seja, a prática do canto gregoriano como música religiosa, entretanto o trabalho transita por essas duas formas de pesquisa.

2. O CANTOCHÃO NO MUNDO: HISTÓRIA E PRÁTICA CONTEMPORÂNEA

A história da música ocidental, basicamente, começa com a música da igreja cristã. Desde os tempos remotos a música foi um elemento indissociável das cerimônias religiosas. A Grécia e a Roma antiga serão sempre referenciais de pesquisa, para artistas e intelectuais que tenham o desejo de se aprofundar na história dessas nações que basicamente deram origem a toda construção da sociedade ocidental.

Em algumas artes como a pintura, a escultura, havia no que se basear, já na música, muito pouca coisa chegou até nós além dos tratados teóricos. Por outro lado, a igreja primitiva, pensando no cuidado dos recém-convertidos, analisou que não seriam procedentes que eles tivessem contatos com as formas musicais anteriores às suas conversões, porque poderia gerar confusão espiritual nesses povos. Dessa forma, temos poucos registros das formas musicais anteriores à instituição da igreja cristã primitiva, praticamente quase tudo foi perdido. A música dos primeiros anos da era cristã absorveu muitas influências das sociedades gregas, helenísticas; um princípio muito importante que se manteve é a associação da música com a origem divina. Porém, antes da era cristã, as músicas tinham como seus inventores os Deuses e Semideuses gregos. Na antiguidade, a música era inclusive associada com a natureza, capaz de curar doenças, purificar o corpo e o espírito. Na Bíblia, no Antigo Testamento, eram atribuídos tais poderes à música (Samuel I, C.16, v.14-23). Davi cura a loucura de Saul tocando harpa, e em outras passagens como a de (Josué, C.6, v.12-20) encontramos outra relação.

A igreja cristã primitiva se expande de Jerusalém para a Ásia Menor, e para o Ocidente, chegando à África e à Europa, e dessa forma ela foi acumulando elementos musicais característicos desses lugares. Os mosteiros e igrejas da Síria tiveram um papel fundamental no desenvolvimento musical desse período, por meio de salmos e hinos. Os hinos foram às primeiras manifestações musicais documentadas da igreja cristã, ainda que não em notação musical. Podemos deduzir que a música romana buscou suas influências e características na música da Grécia, depois dessa região se tornar uma província Romana. Nesse momento, tanto no Ocidente quanto no Oriente as igrejas locais eram praticamente independentes, encontrava-se muitas semelhanças nas celebrações, porém, cada uma desenvolvia-se de uma forma diferente. Isso resultava em várias liturgias, e muitos cânticos distintos. Com o forte desenvolvimento de Roma, essas diversidades de liturgias foram desaparecendo, e com o tempo foi se tornando uma só; esses acontecimentos ocorreram entre os séc. IX-XII.

Figura 1: Cantochão primitivo. A



Figura2: Cantochão primitivo. B



Entre o século XI e XIII, podemos encontrar manuscritos do canto romano antigo que vai sendo constituído nas igrejas cristãs e cada dia passando a ser mais presente nas celebrações. A sua origem se dá em torno do século VIII, ele sofre alterações e influências no decorrer do tempo, com as novas formas que vão surgindo, porém ele foi muito importante para o processo de evolução de todas as outras vertentes de cantochão. Seguindo a cronologia do tempo, percebemos que alguns acontecimentos foram muito importantes para a continuidade do desenvolvimento e difusão do cantochão.

Aproximadamente entre os anos (480-524) Boécio escreveu *De institutionemusica*, em 529 temos um marco na história, com a fundação da ordem

beneditina que se tornou uma das grandes difusoras da prática do cantochão no mundo, no ano de 789, Carlos Magno impõe o uso do rito romano em todo território do império, nesse contexto podemos observar o princípio do processo de unificação; entre (840-850) Calvo investe na publicação do primeiro antifonário gregoriano para o ofício (sem notação), no final do séc. IX surge os primeiros manuscritos com notação do gradual gregoriano. Podemos observar que esse período foi muito importante para a evolução da prática do cantochão, principalmente em relação aos investimentos de compilação deste material, através da grafia.

No século VIII existia já em Roma uma *Schola Cantorum*, um grupo bem definido de cantores e professores incumbidos de formar rapazes e homens para músicos de igreja. No século VI existia um coro, e atribui-se a Gregório I (Gregório Magno), papa de 590 a 604, um esforço de regulamentação e uniformização dos cânticos litúrgicos. As realizações de Gregório foram objeto de tal admiração que em meados do século IX começou a tomar forma uma lenda segundo a qual teria sido ele próprio, sob inspiração divina, quem compusera todas as melodias usadas pela Igreja. (Grout; Palisca, 2007 p.42).

Os padres da igreja nesse momento exerceram uma função muito importante, ensinavam que a música na liturgia deveria ser motivo de elevação da alma à contemplação das coisas divinas. Mas a música, no seu entender, não poderia ser mais importante que o louvor a Deus, inclusive no primeiro momento chega-se ao consenso sobre a exclusão da música instrumental, porque se acreditava que ela poderia desviar o foco dos cristãos a Deus durante as celebrações. Então, mais uma vez, o cantochão é fortalecido, pois nesse momento a música na igreja era vocal. Segundo Grout e Palisca (2007 p.43), toda música a ser ouvida na igreja, tem a função de elevar a alma aos ensinamentos cristãos.

Figura 3: Cantochão primitivo. C



Figura 4: Primórdios da grafia musical. A

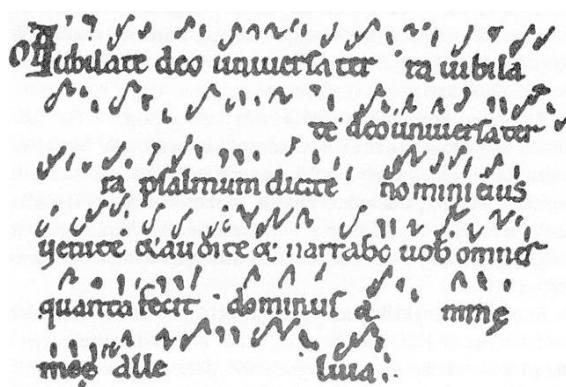
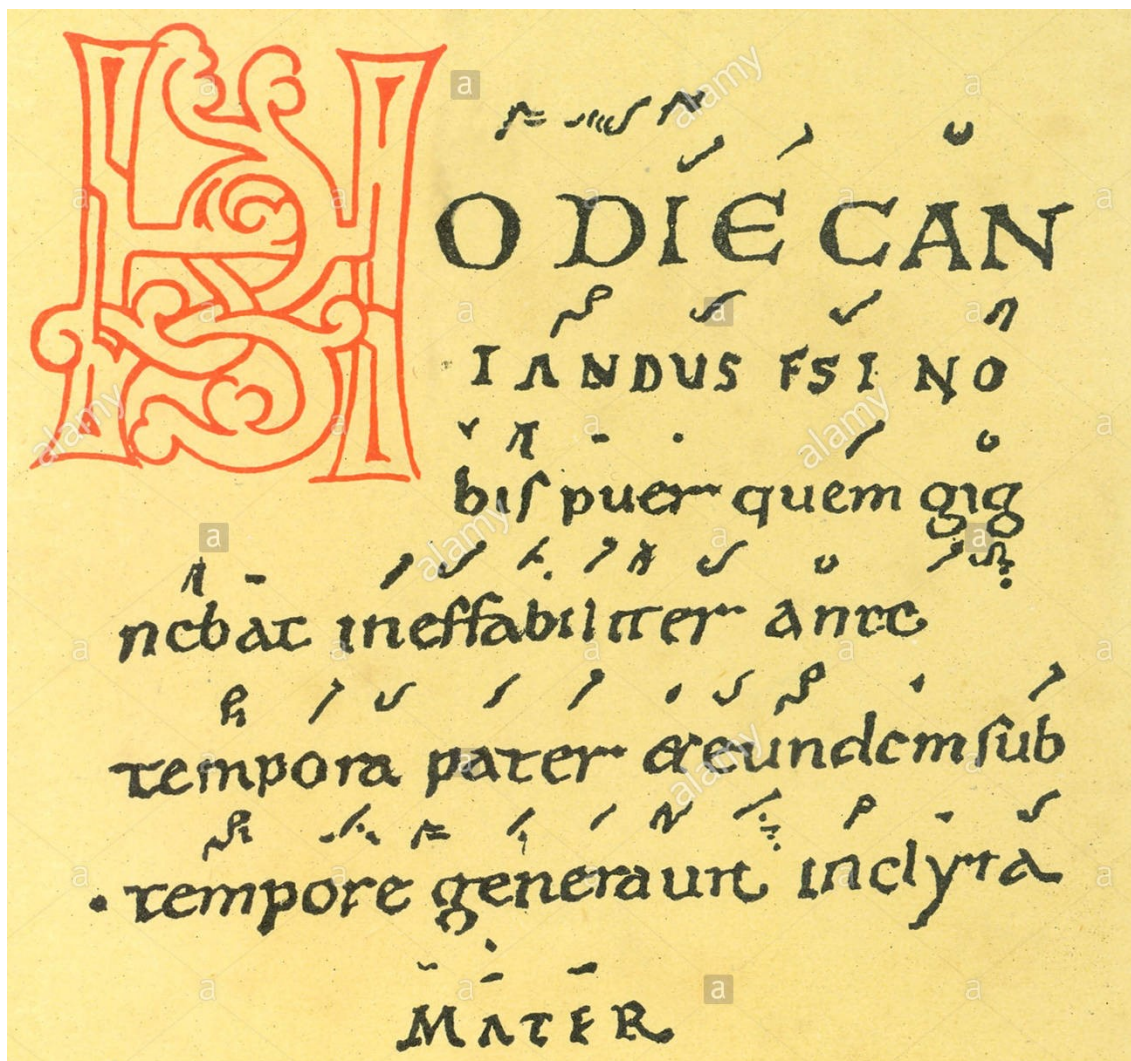


Figura 5: Primórdios da grafia musical. B



A prática do cantochão na maioria das vezes se relaciona, acontece quase sempre no contexto religioso. Ele foi pensado com a finalidade de veicular os textos sacros, e nesse sentido o aspecto estritamente musical não era o mais importante¹, uma vez que a

¹ Santo Agostinho, citado por Grout e Palisca (2007, p. 44): “Quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos da vossa igreja nos primórdios da minha conversão à fé, e ao sentir-me agora atraído, não pela música, mas pelas letras dessas melodias, cantadas em voz límpida e modulação apropriada, reconheço de novo, a grande utilidade deste costume. Assim flutuo entre o perigo do prazer e os salutares benefícios que a experiência nos mostra. Portanto, sem proferir uma sentença irrevogável, inclino-me a aprovar o costume de cantar na igreja para que, pelos deleites do ouvido, o espírito, demasiado fraco, se eleve até aos afectos da piedade. Quando, às vezes, a música me sensibiliza mais do que as letras que se cantam, confesso, com dor, que pequei. Nestes casos por castigo, preferia não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro. Choraí comigo, choraí por mim, vós que praticais o bem no vosso interior, donde nascem as boas acções. Estas coisas, Senhor, não Vos podem impressionar, porque não os sentis. Porém, ó meu Senhor e meu Deus, olhai por mim, ouvi-me, vede-me, compadecei-vos de mim e curai-me. Sob o Vosso olhar transformei-me, para mim mesmo, num enigma que é a minha própria enfermidade”. Santo Agostinho, Confissões, x, cap. 33, trad. De J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, Livraria Apostolado da Imprensa, 6º ed., Porto, 1958, p.278.

intenção era favorecer o crescimento espiritual, tanto dos intérpretes, quanto dos ouvintes. O cantochão surgiu intimamente ligado aos serviços litúrgicos da Igreja Católica Apostólica Romana, nos ofícios e missas. A base do cantochão está ligada diretamente com os textos. Os interpretes devem sempre priorizar a clareza e a inteligibilidade das palavras. Todos aqueles que desejam interpretar esse estilo precisam compreender muito bem esses aspectos fundamentais do cantochão.

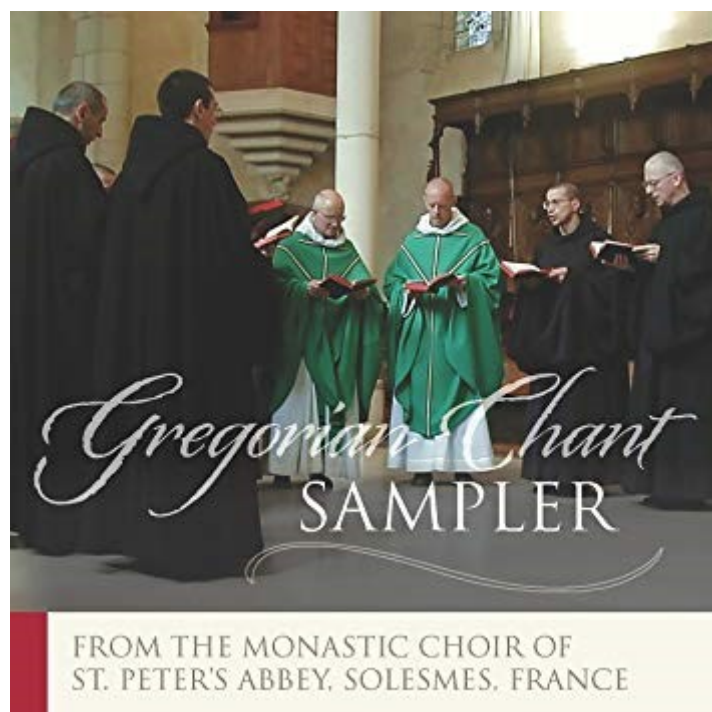
Existe um equívoco muito recorrente sobre as questões métricas e rítmicas do cantochão, é muito comum depararmos com a seguinte afirmação “o cantochão não tem ritmo”, de fato não existe formulas de compasso estabelecida, ou subdivisões de figuras, inclusive até mesmo na grafia moderna sabemos que não existe uma exatidão em relação à execução das figuras. Na Idade Média existia uma prática de improvisação muito recorrente, mesmo depois da instituição da notação não se perdeu totalmente essa habilidade musical. O cantochão é sistematizado por padrões em relação a conduções das melodias baseadas no texto. Para esclarecer melhor esse conceito, podemos analisar a nossa fala, em cada palavra que emitimos é produzido um padrão rítmico, um pulso, uma métrica, da mesma forma acontece com o cantochão, o cantor que é inserido nessa prática com o decorrer do tempo interioriza esses aspectos musicais que são diferentes das concepções da música moderna.

O mosteiro de *Solesmes* situado na França tem forte influência no mundo em relação à prática do cantochão, eles foram os responsáveis pela última grande restauração dessa prática musical no mundo. Os monges desse mosteiro dedicam grande parte do seu tempo em estudos da paleografia do cantochão, buscando interpretações mais próximas de como eram executadas na Idade Média. Na atualidade eles investem muito na divulgação online, através do site oficial do mosteiro, disponibilizam grande parte de todos os trabalhos musicais internos, e a acessibilidade estudos elementares dessa prática. Atualmente eles são os responsáveis pela difusão do canto gregoriano no mundo.

Figura 6: Mosteiro de Solesmes. A



Figura 7: Mosteiro de Solesmes. B



2.1 O CANTOCHÃO, ESTRUTURAS DENTRO DO RITO

Podemos analisar o cantochão de acordo com sua categoria, sua forma ou estilo. Em relação à categoria temos os cantos com inspiração em textos bíblicos (ofício divino, leituras, e evangelho), que seriam os textos em prosa; e os com inspiração nos textos poéticos (Salmos e cânticos). Os cantos com inspiração em textos não bíblicos se dividem em dois grupos: textos em prosa (*Salve Regina*, *Te deum*, *Regina Caeli*) e textos poéticos (hinos, sequências como *dies irae*, e as missas). Sobre sua forma, ou seja, modo que se canta, se dividem em três grupos, *antifonal*: é cantado por dois coros em forma de pergunta e resposta, *responsorial*: solistas alternando com o coro, e *directo*: o coro todo canta em conjunto sem alternâncias. No que se refere ao estilo, temos o cantochão silábico, melismático, neumático: silábicos geralmente são baseados em textos maiores, sendo que para cada sílaba ou palavra temos uma nota, por exemplo, o *Credo*, *Gloria* e *Pater Noster*, são talvez os melhores exemplos de textos nos quais, em geral, a melodia tem um tratamento silábico. Os melismáticos são baseados em textos menores, ou seja, para cada sílaba ou palavra, temos várias notas, sendo os melhores exemplos: o *Kyrie*, *Alleluia* e o *Graduale*. No caso desses dois últimos, geralmente o melisma se mantém muito tempo em uma sílaba, às vezes com até vinte ou mais notas em uma sílaba. Os neumáticos são cantos em sua maior parte silábicos e em breves trechos encontramos breves passagens neumáticas.

O cantochão está quase sempre presente nos dois serviços religiosos mais importantes da Igreja Católica: o ofício e a missa. Desde a Idade Média se constitui uma organização para o cantochão dentro desses serviços religiosos.

O ofício religioso², conhecido também como horas canônicas, são orações internas rezadas todos os dias: ele é voltado mais para vida interna de um mosteiro ou

²O ofício divino ou “liturgia das horas” ou horas canônicas são as récitas dos 150 Salmos, que são distribuídos no decorrer da semana, mais as antífonas, leituras e outras orações. Essas orações são recitadas diariamente, é a oração oficial da Igreja, dentro da hierarquia da liturgia ela é considerada a mais importante depois da missa. Geralmente essa oração fica limitada àqueles que seguem uma vida religiosa em algum mosteiro ou convento por exigir grande disponibilidade de tempo durante o dia. Nos dias atuais a prática diária e completa dessas orações se torna inacessível até para sacerdotes. Podemos dizer que ficou restrita mais aos mosteiros. As comunidades religiosas geralmente adaptam os horários das orações segundo suas realidades. O sentido dessas orações é fazer com que em vários momentos do dia o homem reflita em meio a toda a agitação do dia a dia “que a obra é Deus”. Dessa forma a Igreja mantém essa tradição até hoje, afim de, assumir e continuar o que Jesus Cristo pediu “orar de forma incessante a Deus por si e todos os homens”. Ofício Divino: Esse termo foi utilizado até o Concílio Vaticano II, trazia o carisma de obrigatoriedade dessas orações por todos que compõem o clero, Papa, Cardeais, Bispos, padres. Liturgia das Horas: Termo adotado após o Concílio Vaticano II, traz em mente uma ação litúrgica, porém não se tem aquele rigor e obrigatoriedade.

seminário. O ofício não é pensado como um serviço religioso para o público (os fiéis), uma vez que é voltado mais para oração interna dos religiosos. Em alguns mosteiros, em especial os beneditinos, as orações do ofício podem ser acompanhadas pelo público.

A missa é o serviço religioso mais importante da Igreja Católica e é diferente do ofício. A missa católica é voltada inteiramente para os fiéis (assembleia), seria o serviço religioso “para o público”, com o foco em elevar a todos os fiéis à oração, a uma intimidade maior com Deus, e recordar a cada celebração o sacrifício e ressurreição de Cristo, esse ato vem relembrar a comemoração ou celebração da última ceia.

O termo próprio da missa (*proprium missae*) se refere às partes que são variáveis durante o ano, elas mudam de acordo com o tempo litúrgico, solenidades e festas; para cada dia da semana temos a alternância desses textos com melodias próprias, também são conhecidas como partes móveis. O *introito*, o *alleluia* ou o *tracto* (no tempo advento ou quaresma), *ofertorium*, *comunión* fazem parte da composição do *proprium missae*.

O ordinário da missa (*ordinarium missae*) se refere às partes invariáveis, ou seja, que não mudam, são compostas pelo mesmo texto durante todos os dias do ano. O *kyrie*, *Gloria*, *Sanctus* e *Agnus dei* fazem parte da composição do *ordinarium missae*. Compositores consagrados como J.S Bach e L.V. Beethoven fizeram grandes obras como Missa em si menor, a Missa da coroação utilizando o *ordinarium missae*, quando eles utilizam o termo missa estão se referindo a apenas ao ordinário.

Após percorrer um pouco sobre a história do cantochão, percebemos que é uma música que surgiu em um determinado momento histórico, foi-se consolidando cerca de 1000 anos e depois foi superada dentro da Igreja Católica no final da Idade Média pela polifonia. Analisando o cantochão no mundo, podemos observar no decorrer da história da música que houve períodos de declínio e esplendor nessa prática. Formatou-se uma prática que foi fundadora da tradição musical do Ocidente e que permanece até os nossos dias.

2.2 REPERTÓRIO E OS LIVROS PRINCIPAIS UTILIZADOS

Existem dezoito propostas de missas gregorianas que foram catalogadas por volta dos séculos IX ao XII mais ou menos, cada uma foi pensada para um tempo litúrgico, por exemplo, uma para o advento, uma para o Natal (nascimento do Messias), uma para a quaresma (período em que Jesus permanece no deserto durante 40 dias) e os demais tempos litúrgicos e festas do ano.³ A missa de Angelis, por exemplo, talvez seja a mais conhecida; temos também a⁴ missa IX de Nossa Senhora. O termo missas se refere às partes fixas: *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Agnus Dei*, para cada parte se compõe uma melodia.

O *graduale* é o livro litúrgico que nos traz o próprio e o ordinário da missa, podemos dizer que seria uma edição compacta para o uso diário. *O liber usualis* foi uma edição muito importante, sua última publicação foi em 1960, é o livro litúrgico mais conciso, ele possui o *antiphonale* e o *graduale*, ele traz praticamente toda parte musical que será utilizada durante o ano todo nos serviços religiosos. Livrarias como a Loyola sempre tem disponíveis exemplares de pronta entrega do *graduale*, não é um livro de difícil acesso. O *liber usualis* parou de ser editado na década de 60, por esse motivo o seu acesso se tornou restrito, porém, algumas editoras americanas têm investido em reedições deste livro, mas não é comum encontrar exemplares a venda principalmente no Brasil.

³ Missa de Angelis. Monjes benedictinos de Silos. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=lbv99vFK9Yk>> acesso em 10/01/18

Kyriale : Messe VIII - De Angelis "Kyrie" Chœur des moines de l'Abbaye Saint-Pierre de Solesmes Les plus beaux chants grégoriens. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ufvZWwzm9sU>> acesso em 10/01/18

Kyrie - Missa VIII (de Angelis) - Basílica de S. Pedro 2016. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=TDDIIKbpTww>> acesso em 10/01/18

⁴ Messe IX (Fêtes de la Vierge): Gloria
Solemnity of the Lord's Birth - Christmas Eve Chœur des moines de l'Abbaye de Solesmes
Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OCHPvX2cbCk>> acesso em 10/01/18

Solemnity of the Lord's Birth - Christmas Eve Mass Vatican Basilica, 24 December 2011. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=EEQvSruNUhY>> acesso em 10/01/18

3. O CANTOCHÃO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE SÃO PAULO: HISTÓRIA E PRÁTICA CONTEMPORÂNEA

3.1. BREVE HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Os primeiros monges beneditinos chegaram à vila de São Paulo na penúltima década do século XVI. A comunidade monástica começou com praticamente apenas um monge, no início tudo era muito modesto, com o passar do tempo foram chegando mais monges; nesse período inicial de estruturação, a comunidade contava com aproximadamente 8 a 10 monges. A história do mosteiro relaciona-se diretamente com a história da cidade de São Paulo, estão totalmente interligadas. A cidade de São Paulo na época era uma vila, um local acanhado, praticamente não tinha recurso algum, estava fora de rota. É muito interessante analisar o progresso da cidade, podemos dizer que foi algo extraordinário; no final do século XIX havia uma média de 60 mil habitantes, e atualmente temos 11 milhões. A história do mosteiro não foi diferente; até o século XX, ele era pequeno, muitos até utilizavam o termo “mosteirinho”, “conventinho”. Havia capacidade para poucos monges, a antiga capela era muito simples, um prédio construído com arquitetura barroca. Essas estruturas atuais que conhecemos, com a grande Abadia, o colégio e a faculdade têm 100 anos, são recentes, pode-se dizer que o esplendor da vida monástica no mosteiro iniciou-se no século XX. Tinha capacidade para poucos monges, a antiga capela era muito simples, um prédio construído com arquitetura barroca. A capela antiga do mosteiro passou por algumas modificações no decorrer da história.

Segundo Guimarães em 1650 foi construída nova igreja, patrocinada por Fernão dias Paes Leme, que foi sepultado sob a nave principal da obra, ao lado de sua esposa, Maria Garcia Betim (Guimarães, 2005). Segundo o Irmão João Baptista:

Essas estruturas atuais que conhecemos, com a grande ⁵Abadia, o colégio e a faculdade têm cento e poucos anos, são recentes, pode-se dizer que o esplendor da vida monástica no mosteiro iniciou-se no século XX. Esse crescimento significativo simboliza o reflexo da

⁵ As Abadias são sempre mosteiros, mas nem todos os mosteiros são Abadias, para ser elevado a tal existe alguns protocolos que são avaliados por Roma. Esses locais foram muito importantes na Idade Média, com as invasões dos bárbaros e Carlos Magno, elas foram às responsáveis por manter a segurança de toda arte e história da vida religiosa. No século XVIII foram quase que extintas em virtude das perseguições religiosas idealizadas por revoluções políticas como, por exemplo, a Revolução Francesa. Um exemplo muito importante a ser citado foi à destruição quase que por completa do monastério de Tibães que teve todas as suas valiosas obras leiloadas em praça pública. Hoje restaram poucas Abadias no mundo, como por exemplo, Abadia de São Miguel, na França, “o Mont Saint-Michel”. A mais famosa é a Abadia de Westminster, situada em Londres, mas na atualidade ela profere a fé anglicana, não é católica romana.

grande evolução da cidade de São Paulo; o desenvolvimento econômico acompanha o crescimento da cidade, dessa forma, o mosteiro começou a obter posses através de doações de fazendas e propriedades, começou a ter autonomia de sustentabilidade. (Ir. João, 2018)

Segundo Ney de Souza, coube ao padre frei Mauro Teixeira a tarefa de fundar um mosteiro no território paulistano. Para tanto, a câmara da vila de São Paulo concedeu-lhe uma área que, anteriormente, havia sido a aldeia do cacique Tibiriçá, considerando um dos fundadores da vila. A esse respeito assim pronunciou-se o historiador Afonso Taunay:

O local concedido a São Bento era o mais ilustre da vila, depois do Colégio, o lugar onde se assentara a taba do velho Tibiriçá, o glorioso índio que realizara a aproximação euroamericana e permitira o surto da civilização no planalto, salvando São Paulo da agressão tamonia de 1562. (Souza, 2004)

Uma humilde capela dedicada a São Bento foi, então, edificada por Frei Mauro Teixeira no local descrito anteriormente. Alguns anos mais tarde, essa mesma capela daria origem ao mosteiro, apontado por dom Martinho Johson como a instituição mais antiga de São Paulo. (Souza, 2004)

O processo de desenvolvimento dos mosteiros sempre acompanha o avanço econômico das cidades onde são fundados. Se compararmos, por exemplo, o mosteiro de Olinda foi fundado, entre 1586-1592, se tornou uma referência histórica no país. O cultivo de açúcar foi o motor econômico de desenvolvimento do Nordeste, e Pernambuco foi à capitania mais rica do país. A economia dessas cidades foi de certa forma, muito importante para o desenvolvimento dos mosteiros, podemos notar esse reflexo nas construções das igrejas, que são grandes monumentos históricos, construídos no estilo barroco, com muito ouro. O mosteiro do Rio de Janeiro pode ser outro exemplo a ser citado, novamente o poder econômico da cidade influenciou os avanços do mosteiro, a cidade foi capital do Império, possuía uma riqueza considerável, da mesma forma deparamos com um grande monumento histórico, no estilo barroco. A arte barroca tem entre suas características o exagero, dessa forma foi escolhida para caracterizar através das igrejas o poder econômico das cidades, o uso do ouro nessas construções também era uma forma de expressar o poderio dessas metrópoles.

Figura 8: Mosteiro de São Bento de Olinda. A



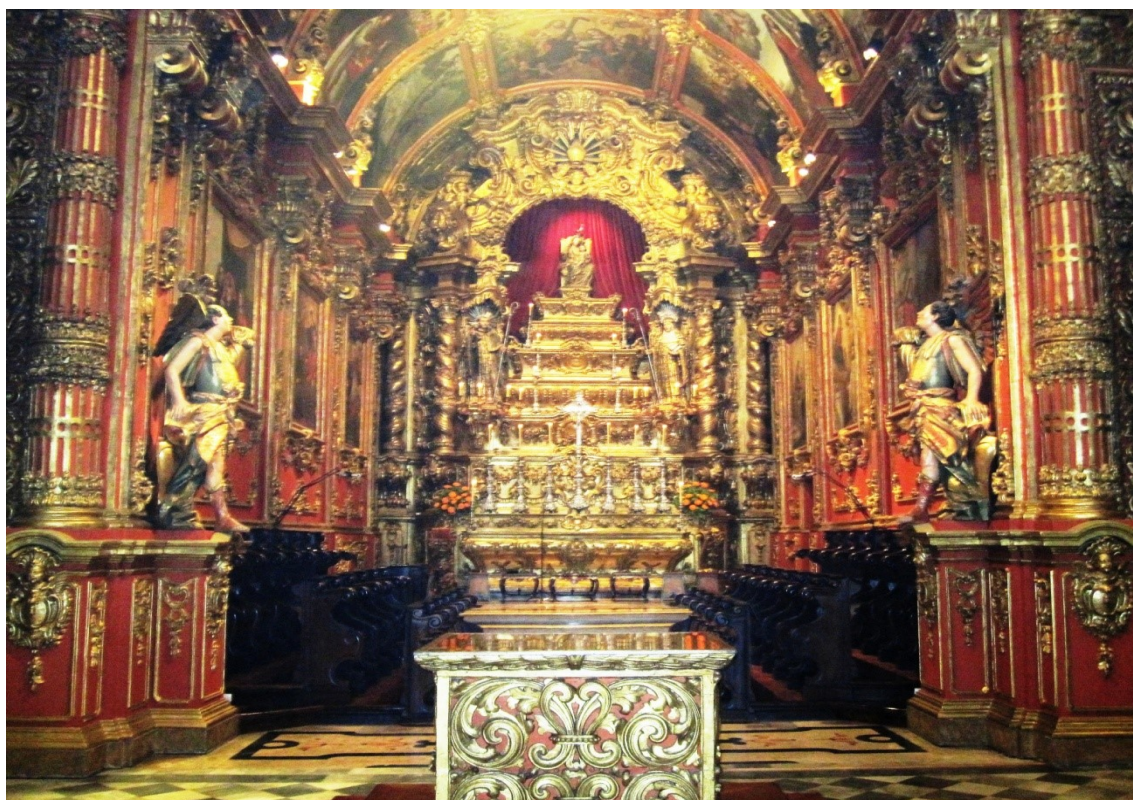
Figura 9: Mosteiro de São Bento de Olinda. B



Figura 10: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. A



Figura 11: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. B



São Paulo historicamente começou o seu desenvolvimento econômico após o final do século XIX. A chegada dos barões do café e vários comerciantes estrangeiros mudou totalmente o curso histórico da cidade, eles foram transformando, construindo, adaptando a pequena vila de acordo com suas culturas. Na época as limitações de transportes não possibilitavam a esses comerciantes retornarem com frequência para seus países de origem, dessa forma era mais fácil transformar a cidade onde estavam em uma reprodução de suas nações.

Nos séculos XVI e XVII, era muito difícil chegar a São Paulo vindo de São Vicente. Era necessário atravessar a Serra do Mar, se proteger dos ataques dos índios, da fome, de doenças, de precipícios profundos e da baixa temperatura ao anoitecer. Apesar de todas as dificuldades, chegaram a São Paulo muitos plebeus e fidalgos empobrecidos, originários de Portugal. Para viver em um local cuja população até aquele momento era composta predominantemente por mestiços e índios. O sucesso das entradas e bandeiras motivou os desbravadores a se tornarem fazendeiros patriarcais, segundo observação de Richard Morse. Esse cenário contribuiu para uma importante mudança dos hábitos e atitudes dos habitantes de São Paulo.

Dia 07.09.1822, D. Pedro encontrava-se em São Paulo quando recebeu um emissário de Portugal com novas exigências de Lisboa. Insatisfeito, D. Pedro tornou o Brasil independente – “Independência ou Morte”. Cinco horas depois, no Teatro da Ópera, D. Pedro foi aclamado rei e no ano seguinte São Paulo foi intitulada “Cidade Imperial” **(Guimarães, 2005)**.

Nesse contexto começa o progresso da cidade de São Paulo, era necessária mão de obra barata, então os comerciantes do café começam a trazer os negros que tinham acabado de ser libertos da escravidão e os pobres imigrantes europeus. Todos esses acontecimentos influenciam diretamente no crescimento inicial da cidade de São Paulo.

As transformações de em São Paulo acentuaram-se com um importante fato histórico: em 1808, a família real portuguesa veio para o Brasil, aqui permanecendo por muitos anos. Sua chegada resultou em alterações muito grandes nas relações entre a metrópole e as colônias, que repercutiram no desenvolvimento de São Paulo: abriram-se portos, permitiu-se a abertura de fábricas, o comércio floresceu **(Guimarães, 2005)**.

O porto de Santos foi muito importante nesse contexto, São Paulo passou a ser rota para todos que fossem para o porto, quando começaram a se mudar para pequenas cidades, os ricos do interior junto aos barões que vieram do exterior começaram a investir na exportação do café. Nesse momento os comerciantes começam a construir os grandes casarões e as mansões, sendo que seria uma rota fixa, um local próximo ao porto de Santos, essas construções são um marco no contexto do início da urbanização

da cidade de São Paulo. No final do século XIX, houve a construção do bairro Campos Elíseos, situado na região nobre da capital, que foi a representação desse importante momento histórico, ele foi o primeiro bairro planejado da cidade, situado na região central, no distrito de Santa Cecília. O Palácio dos Campos Elíseos é outro marco histórico do bairro, sua construção foi encomendada na época pelo importante cafeicultor Elias Antônio Pacheco e Chaves. Ele foi um dos homens que mais ostentou o luxo na cidade de São Paulo; esse palácio compõe parte importante da história da cidade, em 1911 o prédio foi adquirido pelo estado, e em 1912 passou a ser residência de grandes políticos da época. Por ele passaram nomes como Washington Luis, Jânio Quadros e Ademar de Barros. Dessa forma, o progresso foi contínuo e rápido e em menos de cinquenta anos a cidade já se tornara um grande centro, e o mosteiro acompanhou essa transformação simultaneamente à cidade.

Figura 12: Mosteiro de São Bento (1860)



Figura 13: Largo do São Bento (1910)



Figura 14: Palácio no Campos Elíseos: Antiga sede do governo do estado de São Paulo e atual sede da secretaria de estado e Ciência. A



Figura 15: Palácio no Campos Elíseos: Antiga sede do governo do estado de São Paulo e atual sede da secretaria de estado e Ciência. B



Figura 16: Liceo Coração de Jesus. A



Figura 17: Liceo Coração de Jesus. B



O século XIX foi um período de grande fragilidade para todas as ordens religiosas no Brasil. Em 1850 passa a vigorar uma lei a qual proibia o ingresso de novos candidatos interessados em entrar nas ordens religiosas em todo país. Os governantes da época aproveitaram de uma brecha prevista no⁶código canônico, onde se estabelece que as ordens religiosas sejam autônomas em relação às ⁷dioceses ou arquidioceses, no caso o bispo não tem poder decisão sobre elas, existe apenas um acordo de fraternidade entre as partes. O Mosteiro de São Bento de São Paulo, por exemplo, não é propriedade da diocese, e sim da ordem beneditina.

Essa lei foi fundamentada na seguinte questão caso o último monge ou frade viessem a falecer, todos os bens do mosteiro ou convento passariam para o estado. Esse período enfraqueceu a comunidade monástica do mosteiro, havia um sentimento de que tudo iria fenecer. Após a revogação dessa lei, todos os mosteiros de forma geral estavam em ruínas, havendo um ou dois monges, foi necessário acontecer uma restauração geral. Para receber os novos candidatos interessados em entrar nas ordens religiosas, era necessária uma estrutura mínima; para que o processo de formação não fosse comprometido. Os monges da Abadia de São Martinho de *Beuron*, localizado na Baviera, no Sul da Alemanha, foram os responsáveis pelo processo de restauração dos mosteiros brasileiros. Segundo Ir. João Baptista:

Havia uma carência tanto nas questões de espiritualidade, quanto na estrutura física do mosteiro, os poucos monges que restaram já não conseguiam viver a vida religiosa de acordo com as regras instituídas dos seus fundadores, eles tentavam seguir as regras, mas cada um do seu modo. Dom Miguel Kruse foi, um dos primeiros monges alemães que chegaram ao país, foi o responsável pelo processo de restauração do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Quando Dom Miguel chegou no mosteiro o último monge, Frei Pedro da Ascensão, que era o ⁸Abade; tinha acabado de falecer, caso ele não tivesse chegado nesse momento, todas as propriedades e bens do mosteiro seriam repassados para o estado. O cargo de Abade até o século XX era trienal, ou seja, por um determinado tempo, na atualidade ele é

⁶O código de direito canônico é o conjunto de leis que normatiza as questões jurídicas da Igreja Católica Apostólica Romana, seria o código civil a constituição da igreja, ele é composto da ordem hierárquica dos seus membros (clero), os direitos e obrigações dos fiéis, e o conjunto de sacramentos que seguem as mesmas normas.

⁷As arquidioceses ou dioceses são unidades territoriais administradas por um bispo. Elas são as unidades geográficas mais importantes da organização territorial da Igreja Católica, no caso as arquidioceses são administradas por um arcebispo, elas ocupam dimensão territorial maior que as de dioceses. Essas divisões geográficas foram necessárias para melhor organização das áreas territoriais da igreja.

⁸ O Abade deriva do substantivo latino *abbas, abbatis*, que significa “pai” ele é o responsável pela administração de uma Abadia ou mosteiro, ele exerce a função episcopal “bispo” sobre o mosteiro ao qual toma posse, é um título eclesiástico.

vitalício. Houve uma tentativa de impedimento pelos juristas da época em relação à legitimidade de Dom Miguel Kruse como sendo Abade do mosteiro, pois alegavam que ele era alemão e dessa forma não poderia ser o Abade, mas ele conseguiu com muito esforço combater essas resistências políticas e salvou todos os bens do mosteiro. (Ir. João, 2018)

Figura 18: Chapitre Général des Abbés de la Congrégation de Beuron.

No centro da foto está o Rev.mo Dom Abade Hildebrand de Hemptine, 1º Abade Primaz da confederação da ordem de São Bento, nomeado por Sua Santidade o Papa Leão XIII em 12 de Julho de 1883.



Figura 19: Dom Abade Miguel Kruse, OSB, restaurador do Mosteiro de São Bento de São Paulo - SP- Brasil. A



Figura 20: Dom Abade Miguel Kruse, OSB, restaurador do Mosteiro de São Bento de São Paulo - SP- Brasil. B



O novo Abade com muita energia e vigor investiu em uma árdua restauração em todos os aspectos, ele pediu auxílio de verbas para seus conterrâneos para iniciar a construção de um novo mosteiro, a estrutura na época estava em condições muito precárias, foi necessário demolir. Dom Miguel era visionário, havia previsto que em poucos anos a estrutura antiga não comportaria a comunidade monástica que estava começando a estruturar-se e percebeu também que, com o desenvolvimento da cidade, era necessário ampliar as dimensões do mosteiro. A comunidade monástica aos poucos foi se tornando numerosa, recebendo outros monges alemães, que vieram com a finalidade de auxiliar esse processo de restauração. O colégio Santa Marcelina em Perdizes, o hospital Santa Catarina, o colégio São Bento, foram todas iniciativas de Dom Miguel. Ele foi muito além da restauração do mosteiro, pensou inclusive na ampliação da vida religiosa na cidade, através de hospitais, colégios e outras iniciativas que acompanharam o progresso da cidade de São Paulo.

O mosteiro foi ganhando visibilidade com as novas construções em 1912, quando a estrutura estava praticamente concluída. A Basílica Abacial foi projetada para ser uma grande obra de arte, pelo arquiteto alemão Richard Bernd, seguindo a tradição eclética germânica, a decoração interna seguia o estilo *beuronense*. A decoração foi feita por um

monge da congregação de *Beuron*, Dom Adalberto Gressnicht, um renomado pintor da arte *beuronense*. Sua contribuição nesse contexto histórico foi imensa: ele veio trazer o projeto das pinturas, e assim que chegou ao Brasil ocorreu a 1ª Guerra Mundial, impossibilitando seu retorno, então ele mesmo realizou todo o trabalho das pinturas.

A Abadia foi ganhando essa aparência que conhecemos hoje, foi ficando bela, a igreja anterior, que na verdade era uma capela, tinha dimensões muito inferiores, sem muitos ornamentos.

Após o término das obras, começou uma nova história na vida do Mosteiro de São Bento de São Paulo. O Irmão João Baptista em seu depoimento relatou a confluência das artes no mosteiro após a conclusão das obras: *perceba como a partir desse momento existia uma sinergia, as artes se dialogam em um mesmo ambiente, é a escultura, é a pintura, é o canto, todas em um diálogo perfeito, isso é sublime.* (Ir. João, 2018). Através de outra fala do Irmão João Baptista percebe-se como a restauração do mosteiro teve importância para a cidade de São Paulo:

Em São Paulo, até esse momento, não havia nada semelhante, por esse motivo o mosteiro de São Bento é muito importante para a história da cidade. Tudo começa a ocorrer de forma natural e simultânea, as celebrações litúrgicas, a frequência dos monges ao coro, as orações canônicas, o canto gregoriano começa a ser entoado com maior frequência, e o mosteiro foi se estruturando. Nesse momento histórico, a maior parte dos monges eram alemães, e é muito interessante fazer uma comparação com a atualidade. Os monges dessa época seguiam a mesma regra que é seguida hoje, mas por serem de outra nacionalidade, podemos perceber que havia muitas nuances, eles trouxeram os seus costumes. Não podemos esquecer que esses monges vieram de Beuron, que foi, na época, um dos grandes referenciais da liturgia no mundo, inclusive foi o restaurador da vida monástica, principalmente no Brasil. (Ir. João, 2018)

Figura 21: Mosteiro de São Bento (1916). A



Figura 22: Mosteiro de São Bento (1916). B

Escadaria de São Bento e parte do Viaduto de Santa Efígenia



Figura 23: Mosteiro de São Bento na atualidade. A



Figura 24: Mosteiro de São Bento na atualidade. B



A restauração do canto gregoriano no Brasil é outro ponto que marca a história do Mosteiro de São Bento de São Paulo, nesse período histórico foi um dos mosteiros que mais investiu no retorno dessa atividade musical. A prática do canto gregoriano deixou praticamente de existir durante o período que foi proibido o ingresso de interessados nas ordens religiosas do país. É necessário que se tenha uma comunidade com um número representativo de monges para a prática do canto gregoriano, com essa lei os mosteiros praticamente deixaram de existir, dessa forma a prática deixou de acontecer nesse período ou foi realizado com muita precariedade. Após o final dessa lei até o período de restauração, o canto gregoriano praticamente deixou de ser praticado, principalmente no Mosteiro de São Paulo. Dessa forma o canto gregoriano acompanhou a evolução do processo de restauração e aos poucos foi voltando a ser entoado até chegar à forma que conhecemos hoje.

Figura 25: Coro dos Monges do Mosteiro de São Bento de São Paulo.



Dom Miguel Kruse morreu em 1929, sua morte marcou o começo de uma mudança na história do mosteiro, porque a presença dos alemães na comunidade monástica começa a dar abertura para inserção de brasileiros. Em 1948, foi eleito Dom Paulo Pedrosa o primeiro Abade brasileiro, pós reforma, teve grande esplendor,

praticamente deu continuidade a todo trabalho que foi iniciado por Dom Miguel. Nesse momento, o Mosteiro de São Bento de São Paulo passou a ser independente, todo o processo restauração da vida monástica já havia sido feito, dessa forma não houve mais necessidade do auxílio dos monges alemães.

O mosteiro de *Beuron* foi grande expoente em relação à restauração litúrgico-artística, *Beuron* não teve muita representatividade em relação à restauração da prática do canto gregoriano no mundo e em específico no Mosteiro de São Bento de São Paulo. Eles tiveram de certa forma alguma contribuição nesse retorno da prática musical, principalmente nos mosteiros aos quais restaurarão no Brasil, mas historicamente Solesmes foi responsável pela restauração musical no mundo e também no Brasil. O foco principal da restauração foi em relação o retorno da vida monástica, em especial no Mosteiro de São Bento de São Paulo, o reflexo dessa influência está presente na grande Abadia, com as pinturas *beuronenses*.

Em 1948, com a posse de Dom Pedrosa, o mosteiro praticamente se tornou independente e podia prescindir do auxílio de outros mosteiros do exterior. Assim, os monges alemães tiveram a oportunidade de escolha entre ficar no Brasil ou retornar para seus mosteiros de origem. A maior parte decidiu ficar no mosteiro, muitos inclusive morreram por aqui. Dom Plácido foi o último monge alemão, ele faleceu em 2010 com 97 anos, teve 80 anos de total dedicação ao mosteiro. Após esse período, o mosteiro passou a ser povoado pela maioria de brasileiros, mas, não podemos esquecer que os monges alemães tiveram total importância na história da restauração da vida monástica no Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Dom Mathias Tolentino Braga é atual Abade do Mosteiro de São Bento, desde 14 de maio de 2006. Nascido em Euclides Tolentino Braga hoje conhecida como Presidente Olegário, formado em engenharia pelo instituto tecnológico de Aeronáutica (ITA) de São José dos Campos em 1992. No dia 11 de fevereiro de 1992 após a finalização do seu curso, decide a entrar como postulante no Mosteiro de São Bento de São Paul percorreu a formação monástica completa até se tornar Abade. Ele tem grande importância no incentivo da continuidade da prática do canto gregoriano no mosteiro. O curso livre de canto gregoriano foi criado por ele, pensando na difusão do canto gregoriano para os fiéis que frequentam o mosteiro e para comunidade da cidade São Paulo.

3.2. O CANTO GREGORIANO NA ORDEM DE SÃO BENTO

Para compreender melhor a relação da prática do canto gregoriano inserida na ordem de ⁹São Bento é importante conhecer superficialmente a história da ordem e de seu fundador.

A ordem Beneditina por muitos séculos tem se destacado na difusão da prática do canto gregoriano, não apenas no Brasil, mas no mundo. Um exemplo claro a ser citado é a Abadia de Solesmes, na França. Principalmente no Brasil, onde o uso do o canto gregoriano na liturgia em sua maioria acontece nos mosteiros ligados à ordem.

Na regra de São Bento os capítulos XIX-XX são dedicados à liturgia. Mas não fala especificamente da prática do canto gregoriano na vida monástica. Esses capítulos tratam basicamente de aspectos litúrgicos, mas em termos esquemáticos e espirituais.

Entre as ordens religiosas podemos notar algumas diferenças em relação à prática do canto gregoriano. Se compararmos os graduais antigos dos Franciscanos, ¹⁰Dominicanos, com o gradual ¹¹beneditino, inclusive nuances de notas, principalmente nas antífonas. O *Salve Regina*, uma das antífonas mais famosas, por exemplo, nos

⁹ Segundo Ney de Souza, São Bento, o grande patriarca da ordem beneditina, nasceu na cidade de *Núrsia*, situada na região da Úmbria, Itália, no ano de 480 d.c. Após abandonar a casa do pai e renunciar à riqueza, Bento de *Núrsia* entregou-se ao eremitismo, dando, assim, início à sua vida de monge solitário. A partir de então, passou a viver em uma caverna nas montanhas de *Subiaco*, local no qual estabeleceu um mosteiro que, posteriormente, acabou originando a fundação de outros doze na região. São Bento dava, dessa forma, início à sua vida monástica em comunidade.

Ao deixar a região do *Subiaco*, o patriarca, auxiliando por outros cristãos, conclui a construção, em 529 d.C., do célebre mosteiro de Monte Cassino, iniciando, logo em seguida a difusão do seu estilo monástico. Este, por sua vez, passou a ser regido por um conjunto de preceitos, elaborado por São Bento, ao qual se convencionou a chamar de Santa Regra. Tais preceitos passaram a constituir os fundamentos da recém-criada ordem beneditina.

A ordem de São Bento expandiu-se pelo mundo ocidental por meio da divulgação da Santa Regra. O responsável por essa divulgação foi o terceiro abade de Monte Cassino. Dom A. R. Arrufat afirma que: “ao penetrarem em novo território, o primeiro cuidado dos monges era a construção de um mosteiro, a fim de assegurar o futuro da obra que iam empreender em prol da fé e da civilização”.

A princípio, cada mosteiro construído deveria constituir uma família autônoma. Essa orientação estrutural, porém, modificou-se no momento em que as abadias, ou seja, ou mosteiros maiores e independentes, passaram a fundar priorados ou mosteiros menores, dependentes das abadias. Estava, dessa forma, instituído o sistema de congregações, considerado reflexo de uma idéia prevista no Capítulo 66 da Santa Regra de São Bento, idéia esta que enaltecia a auto-suficiência dos mosteiros para evitar o contato com o mundo exterior.

No sistema estrutural da ordem beneditina, as congregações são unidas pelo vínculo de lealdade para com aquela Regra, ao contrário do que acontece, por exemplo, com os jesuítas e com os dominicanos, que têm um sistema de autoridade centralizado na figura de um chefe em comum. (Souza, 2004)

¹⁰Gregorian chant notation from the *Liber Usualis* (1961), p. 276. Latin lyrics sung by the Schola of the Hofburgkapelle Vienna (1984)

<https://www.youtube.com/watch?v=0OIDAc-zFkY>

¹¹Dominican 'Salve Regina' - Dominikanskinapjev 'ZdravoKraljice'

<https://www.youtube.com/watch?v=zETlm4i-Aqs>

apresenta essa diferença inclusive de notas. Pequenas diferenças como essas caracterizam a identidade de cada ordem, e o canto gregoriano acaba sendo uma forma de expressão para demonstrar essas características próprias.

3.3. BREVE HISTÓRIA DA PRÁTICA DO CANTOCHÃO NO MOSTEIRO

A história da prática do cantochão no Mosteiro de São Bento de São Paulo acompanha o desenvolvimento histórico do mosteiro e da cidade de São Paulo. A forma como se cantava o canto gregoriano nos primeiros anos de fundação é diferente da maneira como se canta hoje. É preciso levar em consideração que o mosteiro tem 420 anos de história, no início tudo era muito simples, não havia uma sistematização da atividade musical como hoje, porque a comunidade monástica era pequena. No início tudo era muito simples, e a prática musical inicial deve ser analisada mais do ponto de vista da importância histórico-espiritual, do que do ponto de vista técnico do gregoriano.

As expressões populares como “a oração cantada”, “a palavra de Deus cantada”, o “texto sagrado cantado” fazem referência ao canto gregoriano não apenas pelo aspecto técnico da utilização do termo, estão relacionadas diretamente com a questão histórica do gregoriano dentro dos mosteiros. Nesse sentido, ele seria a palavra de Deus cantada, a sagrada escritura traduzida em forma do canto. Observe-se, porém, que essas expressões populares estão relacionadas diretamente com o termo que é utilizado para expressar o início dessa atividade musical em um mosteiro “nesse dia a tantos anos deu-se o início do louvor divino nesse mosteiro”. No passado, as ordens religiosas, de forma geral, tinham como de grande importância o momento em que se começava a entoar o canto gregoriano. Na atualidade, a ordem beneditina se destaca na continuidade dessa tradição.

Esse termo utilizado nos arquivos históricos ou livros de tombo é muito importante, porque cita quando o canto gregoriano começou a ser entoado naquele determinado mosteiro. Inclusive essa data tem grande importância no calendário das comunidades monásticas, todos os anos, é motivo de grande comemoração, nessa ocasião sempre é celebrada uma missa solene.

Com o tempo, a comunidade pequena se estruturou, cresceu e, dessa forma, obteve mais recursos para prestar uma melhor execução musical. Nesse processo de estruturação, muitas mudanças ocorreram. Em 1900, começou a construção da Abadia

atual do Mosteiro de São Bento, e com isso houve a chegada do grande órgão de tubos. O mosteiro ganhou mais visibilidade, dessa forma, a prática do canto gregoriano foi se estruturando para chegar à configuração atual.

Compreender o processo da história da prática do canto gregoriano no mosteiro é algo simples. Tudo começou de forma bem modesta, com uma comunidade pequena, e com o passar do tempo essa comunidade foi se estruturando. O canto gregoriano acompanhou o progresso do mosteiro e esse processo foi acontecendo até os dias atuais. Em relação à prática atual, podemos compreender da seguinte forma; quanto maior a comunidade monástica, maiores tendem a ser os recursos para qualquer atividade dentro do mosteiro.

O Mosteiro de São Bento de São Paulo foi fundado pela congregação beneditina portuguesa. Os beneditinos vieram fundar o mosteiro na época do Brasil colônia, a comunidade monástica inicialmente era pequena, mas com o passar do tempo ela foi crescendo até chegar à formação que conhecemos hoje. Para desenvolver qualquer atividade desde o canto gregoriano a uma liturgia bem celebrada, é necessário que o mosteiro tenha uma comunidade maior. Dessa forma tudo vai acontecendo gradualmente, o mosteiro vai recebendo novos candidatos, o prédio vai se modificando, até chegar à estrutura atual que hoje conhecemos. Muitas pessoas analisam o processo histórico do mosteiro de maneira equivocada, imaginando que ele sempre foi um centro de preservação do canto gregoriano, desde o início. Desde a fundação do mosteiro se canta o canto gregoriano, porém, era uma prática bem modesta, bem diferente da forma como se entoa nos dias atuais. Segundo Dom Alexandre: *“A liturgia é realizada na medida do possível, se canta aquilo que é possível cantar, esse pensamento foi o centro dessa atividade musical desde o início do mosteiro.”*

Em relação à execução do repertório, também é necessário ter em mente que no início dessa atividade musical, certamente ele era bem limitado. Se analisarmos, por exemplo, todas as peças que são cantadas na missa conventual aos domingos, principalmente o próprio, veremos que é necessário ter uma *Schola Cantorum* numerosa e com bastante experiência. Esse nível de execução ou de recursos, por exemplo, cantar a dois coros em forma de pergunta e resposta, o grande órgão de tubos, não existia no início dessa comunidade monástica.

A história de um mosteiro também passa por várias mudanças tendo seus altos e baixos, ou seja, essa variação influencia diretamente a atividade musical concernente. Precisamos sempre ter em mente que são 420 anos de história e que

existem vários fatores, entre eles questões políticas, sociais, culturais e religiosas, que podem influenciar diretamente essa prática musical diária. Mesmo que essa comunidade tenha uma vida em clausura, não está livre das ações externas do contexto em que está inserida. Essa prática, que acontece por mais de 420 anos, certamente passou por inúmeras dificuldades, e grandes progressos, e isso se estende para o contexto atual, um monge que não possa cantar em um determinado dia por algum motivo já faz uma grande diferença na composição da *Schola Cantorum*.

A prática do canto gregoriano no Mosteiro de São Bento de São Paulo praticamente deixou de existir durante no período em que a lei que proibiu a entrada de novos membros nas ordens religiosas no Brasil estava em vigor. Como não poderia entrar novos candidatos no mosteiro, a cada ano que se passava a comunidade foi diminuindo até restar um único monge. Quando Dom Miguel Cruse chegou, brotou um sentimento de esperança; tudo que havia quase chegado ao fim, teve um novo começo, segundo Dom Alexandre:

Quando cheguei ao mosteiro tive a oportunidade de conviver com os monges alemães que ainda aqui estavam, eles vieram com a missão de restaurar o mosteiro, a maior parte já estava com idade bem avançada, ou seja, novamente a prática do canto estava fragilizada, muitos deles não cantavam mais. Eu participei do processo de formação da nova Schola Cantorum instituída por Dom Isidoro, que era o Abade na época, ele viu a necessidade de restauração para a continuidade da prática. (2018)

Como se pode perceber há pouco tempo a *Schola Cantorum* passou por um novo processo de restauração, a prática do canto gregoriano pode se assemelhar com nossa vida, que continuamente passa por diversas mudanças, algumas positivas e outras negativas. (Eclesiastes, Cap.1, v. 1-7)

Podemos encontrar nos acervos do mosteiro alguns livros de canto gregoriano, muito antigos, mas, que certamente não foram utilizados. A biblioteca do mosteiro tem um exemplar de um livro de canto gregoriano muito interessante, ele se assemelha aos livros que os monges utilizavam na Idade Média. Dom Alexandre disse o seguinte a respeito desses livros:

Muitos desses livros certamente não foram utilizados, vieram de biblioteca para biblioteca; geralmente os livros que foram utilizados nos serviços religiosos se desintegraram, esses mesmos que foram muito utilizados deixaram de existir. Os livros de canto gregoriano encontrado em bom estado de conservação nas bibliotecas ou arquivos certamente não foram utilizados, foram preservados como exemplares raros e se tornaram acervos históricos. Naquela época, os

livros eram produzidos com matéria prima muito frágil, o que facilitava o desgaste em um curto período de tempo. Eu mesmo, quando cheguei ao mosteiro, recebi a oferta de muitos livros, e dentre todos os livros que eu iria utilizar nos ofícios e nos serviços litúrgicos, eu escolhi justamente os que estavam em pior estado, porque imaginei quantos monges já utilizaram esses livros? Quantos monges, assim como eu que estava entrando no mosteiro, tiveram o primeiro contato com esses livros?(Dom Alexandre, 2018)

Figura 26: Antifonal antigo. A



Figura 27: Antifonal antigo. B

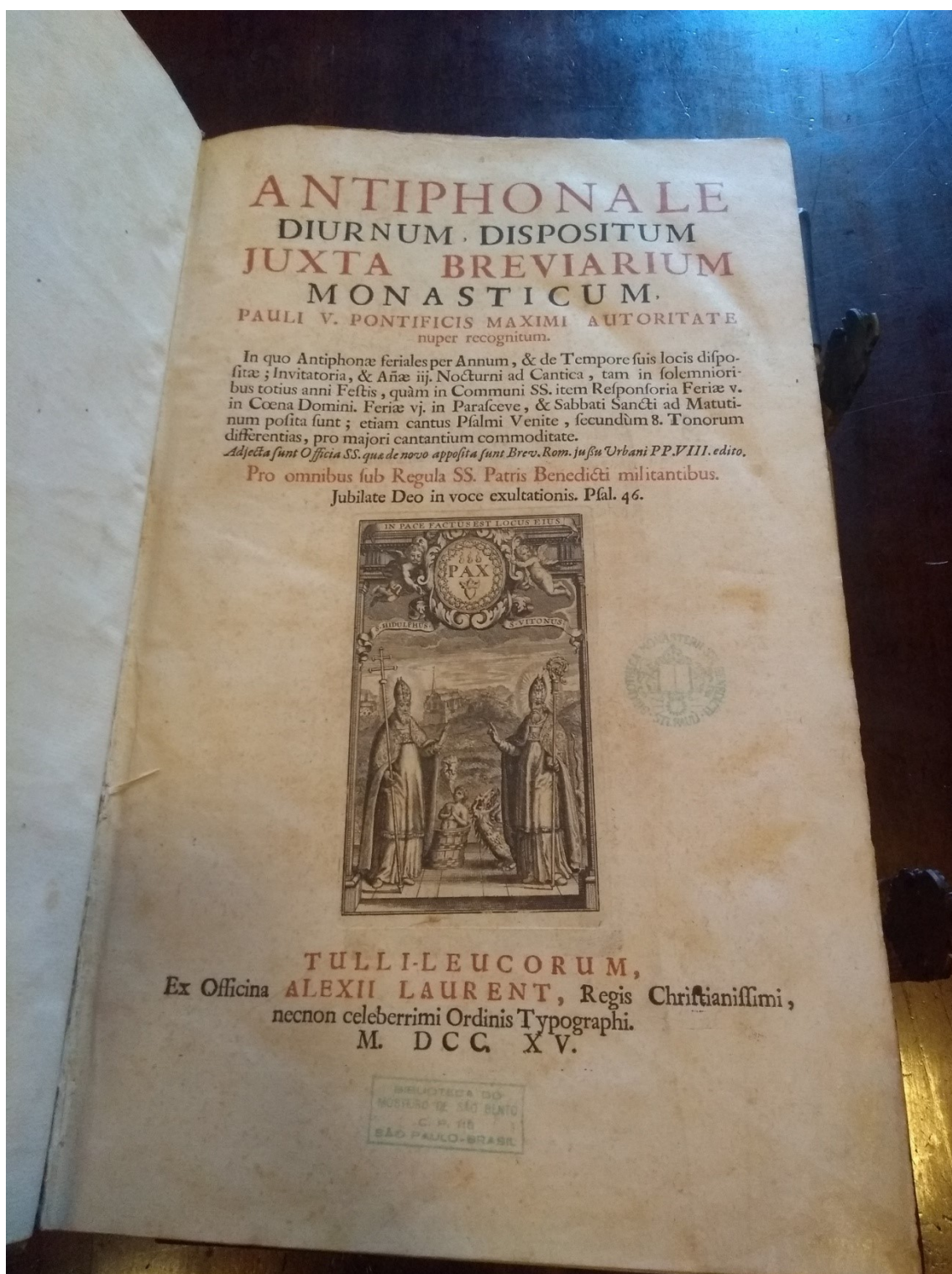


Figura 28: Antifonal antigo C

224. Dominica Resurrectionis.

Extra. Chorum, dicto Pater noster, & Ave Maria; Vespere inchoantur ab Antiphona, cum reliquis in superius, & loco. Ite missa est, alleluia, alleluia. deinde Vers. Benedicamus Domino, alleluia, alleluia. R. Deo gratias, alleluia, alleluia. Ad purum Completorium. Iube domine. Lectio brevis. Fratres, Sobrii estote. V. Adjutorium nostrum. Pater noster. & facta conclamatione & Absolutione dicatur Vers. Convertite nos Deus. V. Deus in adiutorium. Gloria Patri. & amplius non dicatur. L. aus tibi Domine, rex aeternae gloriae. sed eius loco deinceps dicitur, Alleluia. Deinde sine Antiphona dicuntur Psalmi, ut in Breviario assignantur. Hymnus, Capitulum & Vespas non dicuntur. Antiphona. Vespere autem Sabbati. ut superius in Vespere. Oratio. Ad Nunc dimittis. Antiphona. Regina caeli letare. ut in Psalterio. Vistita quatuor Dominum. In fine, Antiphona. Regina caeli letare. ut in Psalterio. Et non siccantur genua toto tempore Paschali.

DOMINICA
Resurrectionis.

Ad Matutinum, Invitatorium.

Surrexit Dominus vespere,
Alleluia. *Psalm. Venite. 6.*

Inij. Nocturn. Ad Cantica, Añã.

Nolite expavescere: Jesum quaeritis Nazarenum crucifixum: surrexit, non est hic, alleluia. *Cant. Quis est iste. 2.*

Angelus autem Domini

AD LAUDES, & per Horas, Antiphona.

mini de
vit lá
luia, a
terra
enim
Psalm.
ejus
ficus
Añã

O professor Ricardo Abraão especialista em música sacra e canto gregoriano, desenvolveu diversos projetos no país nesse processo de restauração e teve um papel fundamental na história atual da prática do canto gregoriano no mosteiro. Ele faz parte do processo histórico do mosteiro, em relação a essa atividade musical nas últimas décadas. Dom Alexandre se ausentou por alguns anos, retornando entre 2009 e 2010, e houve a necessidade de ter alguém que continuasse dirigindo a *Schola Cantorum*, principalmente, a formação musical dos novos candidatos. Então se contratou os serviços do professor Ricardo, que ficou responsável pelo ensino musical e prático da comunidade durante esse período. Por ser especialista na área, desenvolveu um trabalho considerável e representativo, possibilitando uma boa formação musical aos monges, o mais interessante é que o professor é leigo, não é religioso, então esse processo de interação é muito importante para ser analisado.

Na história atual da prática do canto gregoriano, outro nome que não pode deixar de ser citado é de Dom Rocco, que além de ser grande conhecedor do canto gregoriano, tem experiência prática do estilo. Ele foi o responsável por projetos musicais importantes como, por exemplo, a produção de todos os CDs. Foi ele quem incentivou o projeto de registrar em áudio o gregoriano cantando pelos monges, com a intenção inclusive de atingir um público fora do mosteiro, pessoas que muitas vezes não frequentam a missa, ou nunca tiveram oportunidade de ouvir o gregoriano. A iniciativa da produção dos CDs contribuiu diretamente para a difusão do estilo, e inclusive atingiu sucesso no mercado. Dom Rocco também criou o grande festival internacional de órgão de tubos, nos anos 1990. Tais iniciativas foram de suma importância para a história musical atual do mosteiro, mas projetos como esses só foram possíveis na época pelo apoio de patrocinadores influentes e dessa forma foi possível desenvolver produções com excelente qualidade. Dom Rocco sempre buscou essas parcerias, ressaltando a importância não só musical, mas também social que os projetos iriam trazer.

Os registros sobre as questões técnicas da prática do canto gregoriano em um mosteiro constituem uma base de dados de difícil acesso. Esses registros geralmente aparecem em formato de crônicas ou menções de algum momento em que uma determinada peça gregoriana foi executada em um contexto litúrgico. Por exemplo, em determinada solenidade, ou missa de alguma data comemorativa, se cantou o *Te Deum*. É muito difícil encontrar registros com citações no sentido técnico da prática do canto gregoriano, para coletar esses dados técnicos específicos são necessários anos de pesquisas aprofundadas.

Essa forma de pesquisa específica se depara também com outra dificuldade, no sentido do acesso ao material que será pesquisado; ele se encontra disponível na maioria das vezes nas bibliotecas ou arquivos internos dos mosteiros. O acesso aos arquivos é restrito, por se tratar de algo muito específico que dispõe de questões particulares da vida da comunidade monástica inserida no determinado mosteiro; também existe a tradição de se resguardar essas informações, justamente por se tratar de algo muito pessoal da vida dos monges que passaram pelo mosteiro desde sua fundação. Esse tipo de coleta de dados exige que o pesquisador tenha experiência nas técnicas de pesquisa do material que será pesquisado, muitas vezes até os monges encontram dificuldades para acessar os acervos, porque esses arquivos contêm muitos termos específicos. Outra problemática é que boa parte desse material pode ter se perdido ou estar em outros locais fora do mosteiro; no passado não existia esse cuidado e zelo de conservação de dados históricos como temos hoje, principalmente de dados específicos como a prática do canto gregoriano. Dom Alexandre explica: “caso alguma informação nesse sentido seja encontrada, certamente não será específica como, por exemplo, hoje os monges cantaram a missa muito bem, com a entonação excelente em determinada missa a *Schola Cantorum* teve uma péssima execução”.

3.4. PRÁTICA DO CANTOCHÃO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

O mosteiro de São Bento é conhecido na cidade de São Paulo por cultivar o canto gregoriano, eles praticam não só na vida monástica interna, mas também no serviço religioso, como as orações das horas canônicas e as missas que seguem um cronograma¹² diário. Todos os dias eles cantam o gregoriano na missa das 7h00min. Nas missas diárias, o canto gregoriano geralmente é cantado sem o acompanhamento do órgão. É preciso termos em mente que durante a alta Idade Média não havia acompanhamento de instrumentos, o órgão foi o primeiro instrumento a ser utilizado na liturgia da Igreja Católica. Nesse sentido, a prática do canto gregoriano na Idade Média era estritamente vocal, durante a semana, nas missas diárias, pode-se dizer que o mosteiro adotava esse padrão de cantar sem o acompanhamento do órgão, mantendo essa tradição do estilo, como originalidade de sua concepção que era apenas vocal. Nas missas solenes e na conventual¹³ que acontece aos domingos às 10 horas da manhã, o órgão é utilizado para acompanhar o canto gregoriano e toca peças, solos, interlúdios e prelúdios durante a missa. A prática do canto gregoriano no mosteiro não acontece apenas na liturgia das missas, mas praticamente em todo serviço litúrgico que acontece no mosteiro. A missa e a recitação das horas canônicas são abertas ao público, ambas possuem a prática do canto gregoriano. Geralmente na recitação das horas canônicas canta-se no estilo das primeiras melodias medievais em reto tom.

É importante entender que depois do serviço litúrgico da missa as “horas canônicas” são consideradas as mais importantes.

-
- ¹²Despertar às 5h da manhã;
 - 5h30, Ofício de Laudes;
 - 6h15, Meditação;
 - 7h, Santa Missa;
 - Seguem as atividades e trabalhos da parte da manhã;
 - 11h45, Ofício da Hora Meridiana;
 - 12h, Almoço;
 - Seguem as atividades e trabalhos da parte da tarde;
 - 17h25, Ofício de Vésperas;
 - 18h, Jantar;
 - 18h30, momento de confraternização entre os monges;

Disponível em: <http://mosteiro.org.br/comunidade-monastica/>

- 19h, Ofícios de Vigílias e Completas; o silêncio monástico é observado até a Missa do dia seguinte.

Disponível em: <http://mosteiro.org.br/comunidade-monastica/>

¹³ Missa conventual: No termo estrito seria missa para o convento, ou para comunidade do convento, mosteiro, monges, frades. Missa para a comunidade, geralmente nessas missas reúne-se toda a comunidade, no caso do mosteiro, presidida pelo Abade responsável. Ela via de regra é a mais importante em relação às outras celebrações. Geralmente é solene, com canto e órgão.

Figura 29: Rotina diária no mosteiro.



LITURGIA

Os senhores hóspedes podem rezar juntamente com os monges.

Para participar adequadamente do Ofício Divino, os senhores hóspedes receberão os livros marcados por um dos monges, ocupando um dos bancos na Igreja juntamente com o povo, ao menos cinco minutos antes do início de cada cerimônia:

LITURGIA	SEMANA	SÁB & DOMINGOS
<i>Laudes</i>	05h30	05h30 - 07h30
<i>Missa Conventual</i>	07h00	06h00 - 10h00
<i>Hora Média</i>	11h45	11h45
<i>Vésperas</i>	17h30	17h00
<i>Vigílias e Completas</i>	19h00	06h00

O Irmão João Baptista, cita uma questão muito importante da vida monástica:

No nosso coro sempre há um número significativo de monges rezando em todos os serviços litúrgicos. Nossa comunidade é hoje a mais numerosa do Brasil; temos em torno de 35 a 40 monges, às vezes alguns monges faltam em algumas orações, devido os serviços internos. Mas nós rezamos pelos ausentes também, não é porque um ou outro não esteja presente no coro que deixaremos de rezar por ele, a comunidade é composta por vários monges, cada um tem a sua forma de ser, mas nos reunimos em uma unidade, em harmonia, esse é um dos carismas mais importantes da ordem beneditina. É recomendado que mesmo ausente no coro, o monge reze em pensamento também por aqueles que estão no coro. (Ir. João, 2018)

Essa reflexão concedida pelo Ir. João Baptista mostra algumas individualidades internas que são de grande importância para que essa tradição milenar continue até os dias atuais. Onde o espírito, a oração, a contemplação, o canto e o trabalho são inseparáveis. Essas questões todas da vida monástica formam unidades fundamentais para que aconteça a execução do canto gregoriano “música em forma de oração”.

Todos os domingos 10h00min acontece a missa conventual a qual é muito famosa na cidade de São Paulo por ter o canto gregoriano e o órgão. É muito bem frequentada; todos os domingos a Abadia fica lotada, inclusive para conseguir bons assentos é necessário chegar uma hora antes da missa. Ela é frequentada pelos fiéis assíduos do mosteiro, por um grande número de turistas e também por estudantes de música, que enxergam uma grande oportunidade de vivenciar essa prática medieval. Inclusive o mosteiro oferece um curso¹⁴ de canto gregoriano, que acontece nos últimos sábados de cada mês, das 09h30min às 11h30min, para os fiéis e qualquer pessoa que se interessa em participar. No mosteiro de São Bento de São Paulo, há a possibilidade dos leigos cantarem junto com os monges durante a missa. Principalmente na missa conventual, podemos perceber próximo ao altar os leigos com os livros de canto gregoriano cantando junto aos monges. Inclusive essa cultura dos leigos participarem do canto com os monges não é muito comum, principalmente em outros mosteiros no exterior. O mosteiro de São Bento de São Paulo destaca-se nessa questão de possibilitar a participação dos leigos no canto. Mas não podemos esquecer que o canto é parte da

¹⁴ <http://mosteiro.org.br/canto-gregoriano/aulas/>

liturgia, não é o foco, e alguns turistas, e, às vezes, até alguns leigos que frequentam o mosteiro, não têm essa noção.

Figura 30: Missa conventual aos domingos (10h00min)



O Mosteiro de São Bento de São Paulo oferece também aos fiéis aos domingos às 18h00min a missa¹⁵tridentina, ela tem se tornando também uma referência na prática do canto gregoriano na cidade de São Paulo. Essa iniciativa por parte de leigos mostra que no mosteiro, não só na missa das 10h00min, mas também na missa tridentina, há a difusão da prática do canto gregoriano.

¹⁵ Missa Tridentina “às vezes conhecida em modo popular como missa em latim, missa a qual o padre fica de costas para povo – na verdade o padre fica de frente para o santíssimo, para o Deus vivo” ela foi promulgada em 1570, pelo Papa São Pio V, integrando as reformas do Concílio de Trento teve o objetivo principal de padronizar a liturgia. Como já estávamos com a Reforma Protestante praticamente instaurada o Papa percebeu que poderia haver confusão entre os ritos celebrados pelos protestantes então viu a importância dessa unificação e padronização do rito Católico. Para essa reforma foi realizado um cuidadoso estudo dos antigos manuscritos para manter o rito o mais próximo possível de como era feito nas primeiras comunidades cristãs primitivas (Quo Primum, 1570).

Figura 31: Missa Tridentina aos domingos (18h00min). A



Figura 31: Missa Tridentina aos domingos (18h00min). B



Figura 31: Missa Tridentina aos domingos (18h00min). C



O Mosteiro de São Bento favoreceu muito a prática do canto gregoriano, pela própria tradição que foi se criando desde sua fundação. O mosteiro tem renome, é conhecido em todo o país e no exterior também. O mosteiro tem uma confluência entre as artes, como as pinturas da Abadia, a liturgia, o grande órgão de tubos e tudo isso é um conjunto inseparável que traz uma grande unidade. Outras questões como a excelente localização geográfica em que o mosteiro se encontra, a estação São Bento do metrô, em frente ao mosteiro, o mercado eletrônico de Santa Ifigênia, a Avenida 25 de Março, que é considerada um dos mais importantes centros comerciais, favoreceram diretamente a difusão do mosteiro e, em conjunto, o canto gregoriano.

O Mosteiro de São Bento sempre foi conhecido como um centro de preservação do canto gregoriano em São Paulo e talvez no Brasil. Entretanto, não podemos esquecer que temos outros mosteiros beneditinos que também são centro de preservação do gregoriano, como o do Rio de Janeiro e de Olinda, dentre outros. Porém, até mesmo pela questão do mosteiro estar na cidade de São Paulo faz com que ele seja favorecido por essa difusão. A cidade de São Paulo de certa forma favoreceu a manutenção dessa prática, e, junto ao mosteiro, sempre houve uma preocupação em preservar essa tradição. A missa conventual às 10h00min sempre foi incluída até nas

rotas turísticas da cidade de São Paulo, é uma tradição famosa da capital. A missa das 07h00min tem um número significativo de fiéis que a frequentam todos os dias antes de irem para o trabalho, as pessoas inclusive ficam muito compenetradas durante a celebração, eles afirmam que o canto gregoriano ajuda na oração.

3.4.1. O sistema de ensino.

Em relação ao modo de cantar dos monges do Mosteiro de São Bento, temos que levar em consideração vários fatores, como por exemplo, quem foi o mestre de coro anterior? Quanto tempo ficou nesse cargo? Qual escola gregoriana ele estudou? De certa forma, esses fatores influenciam diretamente nas características do coro. Geralmente o coro é o rosto do primeiro cantor, mas também é impossível manter a originalidade idêntica a uma determinada escola. Porque mesmo o mestre de coro, tendo estudado uma determinada vertente de ensino de canto gregoriano, vai acabar desenvolvendo sua própria forma de conduzir o seu coro. O mestre de coro Dom Rocco Fraioli, anterior a Dom Alexandre, foi discípulo da Irmã Marie Rose, inclusive participou do coral que foi fundado por ela. Marie Rose faleceu há mais ou menos dez anos, ela desenvolveu um grande trabalho com o canto gregoriano no Brasil, é uma das referências em nosso país, inclusive ela publicou um método muito famoso chamado *Canto gregoriano método de Solesmes*. Dom Rocco na época trouxe a Ir. Marie Rose para ministrar aulas para os monges no mosteiro.

O Mosteiro de Santa Maria é até hoje outro referencial da prática do canto gregoriano na cidade de São Paulo. Ele ficava na Avenida Paulista, foi demolido e construíram um hotel no local. Hoje encontramos apenas uma placa dizendo “durante 70 anos aqui foi o mosteiro de Santa Maria”, foi o primeiro mosteiro das Américas da Ordem Beneditina feminino. Com o crescimento do centro de São Paulo acabou que a movimentação intensa de veículos e a construção de grandes prédios comprometeu de alguma maneira a vida contemplativa das monjas, assim elas decidiram mudar-se para a Serra da Cantareira. Infelizmente, com essa mudança perdemos no centro de São Paulo um grande centro de prática do canto gregoriano. Elas continuam cantando o gregoriano com uma performance excelente e a atual Abadessa Madre Escolástica incentiva de forma intensa essa prática.

A continuidade da prática do canto gregoriano acabou acontecendo de forma natural no mosteiro. Desde a fundação do mosteiro até hoje, essa prática praticamente se

manteve existente. Podemos levar essa reflexão não apenas para o Mosteiro de São Bento de São Paulo, mas desde a Idade Média essa tradição se mantém. O fundamento da vida monástica é a oração e o trabalho “*ora et labora*” o suposto candidato é visto como uma pessoa que foi chamada para louvar a Deus, dessa forma, não importa se não tem predisposição ou talento musical. A partir de todas essas reflexões percebe-se que o canto é extremamente importante, porém esse aprendizado acontece naturalmente sem preocupação de profissionalizar os monges como cantores. Geralmente nos mosteiros o primeiro cantor sempre tem a preocupação de preparar outros monges, estruturar a *Schola Cantorum*, que é a base, porque se não houver outros monges preparados, na ausência do mestre de coro, a prática pode ser interrompida. Dom Alexandre em seus depoimentos enfatiza essa preocupação, houve uma época que ele esteve ausente para estudar fora do Brasil, a princípio a comunidade teve dificuldades para encontrar formas de caminhar sem a presença dele; mas com o tempo tudo se organizou. Inclusive Dom Alexandre acredita que esse acontecimento foi muito importante para o desenvolvimento da *Schola Cantorum* do mosteiro, porque criaram independência.

A *Schola Cantorum* do mosteiro tradicionalmente é composta apenas por monges, essa tradição é medieval, não é muito comum que os leigos se integrem nos serviços religiosos monásticos. Inclusive aqueles que participam do curso e cantam com os monges na missa conventual, ficam próximos ao altar, mas não sobem com monges para o cabido. Precisamos ter em mente que a ordem beneditina tem como regra a vida em clausura, ou seja, uma vida totalmente reservada com o foco no silêncio e na oração. Mesmo com essas aberturas que o mosteiro proporciona, no caso, essa possibilidade de cantar com monges, não significa que os leigos estão inseridos nos serviços litúrgicos monásticos. No passado inclusive o serviço litúrgico monástico não era aberto ao público, tudo era apenas entre a comunidade monástica, hoje temos a oportunidade de poder presenciar esse ato da vida interna das comunidades. Porém, o Mosteiro de São Bento de São Paulo tem certa flexibilidade em relação a essa questão da inserção de leigos nos serviços religiosos.

Na época que Dom Alexandre esteve ausente temos duas figuras relevantes, o professor Ricardo Abraão e o senhor Augusto, que atualmente é oblato¹⁶ beneditino e

¹⁶Ao contrário do que muitos pensam o Mosteiro de São Bento não é constituído exclusivamente de monges. Os Oblatos e Oblatas são pessoas leigas, uma extensão dos que vivem a Regra de São Bento em casa, na família ou no trabalho. São mais numerosos que os monges. São monges e monjas “de coração” que vivem fora do Mosteiro, mas comprometidos espiritualmente à Santa Regra e com o Mosteiro de São Bento de São Paulo. Disponível em: <http://mosteiro.org.br/comunidade-monastica/>

foi candidato a monge no mosteiro. Esses nomes foram de total importância no processo de continuidade da prática do canto gregoriano. O professor Ricardo Abraão é especialista em canto gregoriano e música sacra, estudou no exterior, já desenvolveu diversos trabalhos na cidade de São Paulo, e esteve presente durante um longo período à frente do mosteiro como professor dos monges. O senhor Augusto até os dias atuais auxilia na prática do canto gregoriano no mosteiro, ele foi postulante junto com Dom Alexandre, mas depois optou em sair e casar-se, mas continuou toda atividade no mosteiro, principalmente no canto gregoriano, participou do coral Marie Rose, conhece a fundo o método de Dom Eugene Cardine e tem grande experiência com prática do canto gregoriano monástico em especial do mosteiro de São Bento de São Paulo.

Quando Dom Alexandre se ausentou, o senhor Augusto foi convidado para auxiliar o coro de monges, que a princípio havia ficado muito desfalcado, ele participou e auxiliou no ensino dos monges e novos candidatos junto com o professor Ricardo Abraão. Ele continua participando com os monges até os dias atuais, sempre está disposto a auxiliar o mosteiro em tudo o que se refere ao canto gregoriano, nas missas conventuais e solenidades. Como ele é oblato e tem grande intimidade com a comunidade, recebeu autorização para usar o hábito e cantar com monges no coro. Ele também faz parte da equipe de professores montada por Dom Alexandre para ensinar os candidatos que se inserem no mosteiro, postulantes e noviços.

A *Schola Cantorum* do mosteiro é composta por três cantores principais, Dom Alexandre, Dom Rodolfo e Dom Lourenço. Geralmente é adicionada a essa formação principal os noviços, postulantes e professos simples, que têm mais predisposição ao canto.

Os mosteiros são comunidades que desenvolvem uma dinâmica de vida própria. São unidades pertencentes a uma comunidade maior, a ordem religiosa (no caso do nosso objeto de pesquisa, a Ordem de São Bento), que, por sua vez, são comunidades pertencentes à Igreja Católica como um todo. Dessa forma, ainda que pertençam à mesma ordem religiosa e no mesmo país, é natural que desenvolvam uma forma própria de interpretação de alguns aspectos da vida monástica, entre eles a prática do canto gregoriano. Isto pode ser notado nos mosteiros beneditinos do Brasil, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, onde podemos encontrar nuances de interpretação do gregoriano. Um exemplo claro dessas nuances é o fato do mosteiro de São Bento do Paraná ter optado pelo uso do canto gregoriano em português. Essa foi uma opção particular desse mosteiro, que acabou constituindo-se em uma grande diferença, já que

outros mosteiros, como o de São Paulo e do Rio de Janeiro, mantêm o latim. Naturalmente, existe uma unidade em relação ao texto, melodia, e uma padronização da forma que cantam.

Podemos imaginar como na Idade Média essa realidade – a existência de práticas diferenciadas entre distintas comunidades – era muito presente, e por esse motivo a Igreja Católica investiu na unificação dos rituais religiosos, particularmente do cantochão, que, depois de São Gregório Magno, passou a ser chamado de canto gregoriano. Se mesmo após a padronização temos essa pluralidade interpretativa, podemos imaginar como seria isso na época que não se tinha notação; com certeza várias melodias se perderam nesse momento histórico e muito mais se perderia se a Igreja Católica não tivesse investido no trabalho árduo de compilação do canto gregoriano. Nota-se que cada mosteiro é como se fosse um ser humano, tem suas características, seu modo próprio de viver, e sua forma de existir, isso nos apresenta até mesmo o sentido teológico. Comparando os mosteiros da Ordem de São Bento com um ser humano “cada ser humano é um ser único e todos são diferentes desde sua concepção”.

Em relação à prática do canto gregoriano, notamos que cada mosteiro adota suas formas interpretativas. Sendo assim, é possível perceber que o sentido medieval do canto gregoriano é muito presente em toda a história da música. Caso um violinista ou qualquer instrumentista for tocar em outra orquestra que não seja a sua, terá que tomar tempo para se adaptar, da mesma forma um pianista jamais tocará determinada obra igual ao outro. Levando em consideração esse conceito da diversidade interpretativa do canto gregoriano, que mesmo depois de séculos foi basicamente a base de inúmeros conceitos que estão intrínsecos e influentes na música ocidental de uma forma geral.

Jaques Viret em sua obra cita o possível engessamento que o canto gregoriano sofreu de sua concepção até os dias atuais. Percebemos que essa afirmação não pode ser totalmente generalizada em relação à prática atual e que tem sido praticada desde a Idade Média. Pode-se sim ter perdido vários ou alguns elementos de liberdade de expressão em sua forma primitiva. Mas analisando a prática atual, por exemplo, percebemos uma grande variedade em relação às interpretações. O momento de formação do repertório das diversas melodias que tínhamos no contexto medieval, até a consolidação do canto gregoriano foi um período longo. Durante esse processo certamente podemos ter perdido várias melodias, que eram cantadas pelas várias comunidades locais existentes. Demorou alguns séculos para que o repertório fosse

basicamente estruturado. Esse período pode ser entendido como de experimentação, não é possível fazer uma análise profunda em relação a esse período inicial. Inclusive a bibliografia é muito escassa quando se trata do cantochão nos primeiros anos, e muito menos antes da igreja primitiva.

Inclusive antes do feito da unificação do estilo idealizado pela Igreja Católica, processo no qual o Papa Gregório Magno foi considerado a figura principal; o estilo tinha sua predominância dentro dos mosteiros onde praticamente cada um cantava de sua forma, e os monges não eram profissionais. Percebe-se que mesmo com a pluralidade nas formas interpretativas do canto gregoriano, alguns pontos se assemelham em relação à vida monástica dos mosteiros. Podemos citar como exemplo, que o foco não é a música, mas a oração. De uma forma geral, em todos os mosteiros os monges não são profissionais, salvo algumas exceções, então todas as vezes que vamos analisar esse contexto musical, temos sempre que levar em consideração a questão da vida monástica. Dessa forma, esta pesquisa não tem o foco principal no aspecto musicológico em estrito senso, mas de analisar como acontece essa prática na vida religiosa com uma visão mais social. As duas formas de abordagem de pesquisa de analisar o canto gregoriano, tanto com o foco musicológico analisando as questões da grafia, estudos aprofundado dos manuscritos, dentre outras, quanto à forma dessa prática conectada à vida religiosa são apenas formas diferentes e focos diferentes em relação ao canto gregoriano que não são excludentes, porém complementares.

Quando analisamos uma obra a respeito do canto gregoriano com um cunho voltado para a musicologia, deve-se ter em mente que são duas análises distintas. Podemos dizer que temos duas formas de analisar a prática do canto gregoriano, uma é a visão musicológica que vai ter o foco principal na análise dos manuscritos, da grafia e da teoria; a segunda forma seria analisar todas essas questões musicológicas dentro da vida monástica. As duas formas são muito importantes, mas são totalmente diferentes, porque muitas visões são equivocadas quando se faz uma análise da prática inserida no dia a dia de um mosteiro. Muitas vezes, a prática vai mostrar aspectos diferentes, por isso, muitas vezes quem tem realmente experiência na vida monástica não concorda com determinadas afirmações propostas por conceitos musicológicos.

Dom Alexandre explica algumas questões relevantes de interpretações que podem auxiliar aqueles que exercem a regência gregoriana, em relação ao andamento de uma peça gregoriana.

Deve-se ter sensibilidade, o Credo, por exemplo, em minha concepção teria que ser bem acelerado, mas não, ele é silábico. Dessa forma o ideal é que seja mais lento, porque vamos conseguir ouvir melhor o texto, não precisa ser nem muito lento e nem muito arrastado. Na maioria das interpretações, o mais comum é cantar arrastado, na maioria das vezes, pela dificuldade de pronúncia do texto, dificuldades de cantar os intervalos principalmente das peças que são melismáticas. Explicando melhor esses conceitos, no repertório gregoriano em sua maior parte geralmente divide-se em peças melismáticas (textos menores como Kyrie Eleison, são compostos por duas palavras, dessa forma, temos uma grande quantidade de notas para a mesma sílaba, às vezes, para uma sílaba temos doze ou mais notas) e silábicas (textos maiores como Gloria, Glória in excelsis Deo. Et in terra pax hominibus bonae voluntatis, compostos por várias palavras, geralmente temos uma nota por sílaba). Outra questão que merece atenção especial são as obras com caráter responsório, valorizar muito as pausas entre pergunta e resposta, na maioria das vezes essas pausas são praticamente ignoradas, em alguns casos a pausa dá aquela delicadeza interpretativa final para uma obra gregoriana. Voltando ao andamento, pode-se dizer que uma das obras com partes móveis são as mais complexas do repertório, exigem do cantor um conhecimento muito aprofundado de canto gregoriano, são em sua maioria melismáticas, e tais melismas exigem grande fluência. Recomenda-se que peças mais simples como, por exemplo, Regina Caeli¹⁷ sejam interpretadas em um andamento mais lento. (Dom Alexandre, 2018)

¹⁷A Oração do Regina Caeli ou Regina Coeli (Rainha do Céu) provavelmente remonta-se ao século X ou XI, associa o mistério da encarnação do Senhor (quem merecestes trazer em vosso seio) com o evento pascal (ressuscitou como disse).

O "convite à alegria" (Alegrai-Vos) que a Igreja dirige à Mãe pela ressurreição do Filho recorda e depende do "convite à alegria" ("Alegra-te, cheia de graça": Lc 1, 28) que Gabriel dirigiu à humilde Serva do Senhor, chamada a ser mãe do Messias salvador.

Texto em Latim - Regina Caeli

R/ Regina Caeli, lætare, alleluia;

V/ Quia quem meruisti portare, alleluia;

R/ Resurrexit, sicut dixit, alleluia;

V/ Ora pro nobis Deum, alleluia.

V/ Gaude et lætare, Virgo Maria, alleluia.

R/ Quia surrexit Dominus vere, alleluia.

Oremus. Deus, qui per resurrectionem Filii tui Domini nostri Jesu Christi mundum lætificare dignatus es: præsta, quæsumus; ut, per eius Genitricem Virginem Mariam, perpétuæ capiamus gaudia vitæ.

Per eundem Christum, Dominum nostrum. Amém.

Dom Alexandre fez outras considerações sobre esse assunto, nesse momento havia perguntado a ele sobre a importância da regência gregoriana:

No caso é como te disse não em si apenas a regência que conduz a essa homogeneidade, mas a prática diária em conjunto é o segredo, é meio que cada um vai conhecendo a voz do outro. Não sei se você percebeu aqui nós não temos regente, não temos esse costume. Temos na estrutura o primeiro cantor que é justamente aquele que congrega as vozes, mas, ele não pode também soar sozinho, tem que ser uma voz que integra. Essa figura do primeiro é como se fosse o regente, porém, não rege, apenas conduz, é meio que aquele puxa o canto. Outra característica nossa em relação à prática do gregoriano é não utilizar microfones, eu como primeiro cantor sempre tento mostrar o quanto é importante a voz em sua forma original, como temos uma acústica muito boa, foco na relação da projeção vocal, principalmente da Schola Cantorum, afim de, cantarmos sem o uso de microfones. Acredito que manter essa originalidade do estilo torna a performance muito mais fiel à original. (Dom Alexandre, 2018)

Essa questão foi discutida é muito importante, porque se acredita que sempre é necessário ter um regente para o coro, inclusive pensava-se que nos mosteiros também era assim. Na verdade, Dom Alexandre prestou um excelente esclarecimento em relação ao assunto. Pode-se dizer que sempre foi uma tradição dos mosteiros, não só do Mosteiro de São Bento de São Paulo, mas uma tradição milenar. Ficou bem claro que nos mosteiros geralmente a *Schola Cantorum* tem como base o primeiro cantor, que basicamente assume o papel de regente, estabelece o andamento, a métrica gregoriana. O primeiro cantor da *Schola Cantorum* do Mosteiro de São Bento de São Paulo é Dom Alexandre, sua forma de condução é sempre mais fluída, com o foco em nunca deixar que o andamento seja arrastado.

As edições utilizadas pelo Mosteiro de São Bento na atualidade são as de Solesmes, apesar de existirem outras. Isso é importante de ser mencionado, pois tudo o

Texto em Português- Rainha do Céu.

Rainha do Céu, alegrai-Vos, aleluia.

R/. Porque quem merecestes trazer em vosso seio, aleluia.

V/. Ressuscitou como disse, aleluia.

R/. Rogai a Deus por nós, aleluia.

V/. Exultai e alegrai-vos, ó Virgem Maria, aleluia.

R/. Porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente, aleluia.

Oremos. Ó Deus, que Vos dignastes alegrar o mundo com a Ressurreição do Vosso Filho Jesus Cristo, Senhor Nosso, concedei- nos, Vos suplicamos, que por sua Mãe, a Virgem Maria, alcancemos as alegrias da vida eterna. Por Cristo, Senhor Nosso. Amém.

que se refere ao canto gregoriano, principalmente nos dias atuais, tende a derivar de Solesmes, tanto nas edições críticas, gravações de CDS, etc. A maior parte das pessoas que tem alguma informação acerca do canto gregoriano tem Solesmes como a voz e autoridade principal no mundo, mas hoje já temos produções significativas como, por exemplo, os alemães e os americanos, que também são fontes muito confiáveis para poder utilizar na prática do canto gregoriano. Mas, sem dúvida, Solesmes carrega tradição, principalmente porque foram os primeiros, e foram também responsáveis pela grande restauração. Entretanto, não são apenas eles que estão desenvolvendo as pesquisas em relação aos manuscritos de canto gregoriano, mas a Igreja Católica Apostólica Romana confiou essa missão a eles, esse é outro motivo para que eles sejam considerados a voz principal em relação ao canto gregoriano no mundo. Acredito que no Brasil e no mundo quase todos os mosteiros utilizam o material de Solesmes para a execução do canto gregoriano, porque, como já se consagraram, é bem mais fácil obter o material completo do que essas outras possibilidades supracitadas. Outro ponto que faz Solesmes ser referência é a questão da prática do canto gregoriano ser muitas vezes restrita aos mosteiros. Na atualidade, podemos notar um reflorescimento dessa prática, mas ainda não é considerável. Dessa forma, não há muita divulgação dos outros trabalhos porque esse material muitas vezes tem demanda apenas por parte dos praticantes, não é um material muito vendável. Dessa forma, acaba Solesmes sendo o mais conhecido porque já tem tradição. Dom Alexandre ressalta a importância de se conhecer os outros trabalhos, que, segundo ele, não deixam a desejar quanto aos trabalhos feitos por Solesmes.

Quanto ao perfil dos jovens que ingressam no Mosteiro de São Bento de São Paulo é interessante analisar o envolvimento deles com o canto gregoriano, pois às vezes se tem a ideia equivocada que eles não conseguiriam cantar nos primeiros anos. Porém, na prática percebe-se que é diferente da mentalidade passada. Na verdade, os monges que já estão no mosteiro há mais tempo têm a consciência da importância dessa prática para esses jovens. Ela será desenvolvida durante todas as suas vidas. Dessa forma, eles se tornam os responsáveis por sustentar o canto; toda a comunidade canta, mas, é deixada para os jovens noviços essa responsabilidade para que desenvolvam a intimidade com o canto gregoriano logo nos anos iniciais de formação. Geralmente os jovens que têm mais predisposição ao canto são inseridos na *Schola Cantorum* que é a responsável pela sustentação do canto, tanto nos ofícios, quanto nas demais liturgias, ela possuiu três ou mais cantores, o primeiro cantor assume a figura ilustrativa de um

regente, basicamente sobre ele está à responsabilidade de sustentar, dar andamento e demais aspectos musicais interpretativos. Geralmente quando o primeiro cantor não está presente, é necessário que haja um substituto, e esse cantor terá a função de sustentar o canto. Essa realidade não é específica do Mosteiro de São Bento de São Paulo, é uma tradição que vem desde os primeiros mosteiros, justamente porque o canto gregoriano é parte integrante da vida monástica, mas não é o foco é apenas a conexão entre a oração rezada proferida em forma de música. Essa tradição de não haver regente também faz parte da história da vida monástica desde a Idade Média.

Em entrevistas realizadas com os monges para a realização deste trabalho, que muito contribuíram em informações e reflexões acerca do objeto, eu tive a oportunidade de perceber a riqueza, as nuances, as peculiaridades e sutilezas existentes dentro dessa comunidade pesquisada. Podemos ir mais longe, e dizer que, apesar de não ter pesquisado outras comunidades no contexto deste trabalho, é possível agora perceber que cada uma tem a sua forma de ser, com características próprias. Para muitos aqui fora, essa forma equivocada e até romantizada de enxergar a vida monástica justamente demonstra a diferença entre o mundo aqui fora e o mundo monástico. Através disso, percebemos que o canto gregoriano se faz de forma natural e vital para um monge, tanto que não há uma preocupação na execução, de como vai sair, de como vou cantar, a *Schola Cantorum* dá a base necessária e os demais monges naturalmente cantam junto. A ligação direta entre o texto sagrado e a música se faz por si só perante a vida religiosa diária que todos os monges são expostos desde o primeiro dia que entram no mosteiro. Muitos monges não têm foco ou intenção de cantar, mas, durante os ofícios e orações isso acontece de uma forma totalmente natural.

Na história da prática do canto gregoriano atual no Mosteiro de São Bento de São Paulo temos a figura do Ricardo Abraão, que é a figura de um professor leigo que teve grande importância nessa prática atual, no momento em que Dom Alexandre, mestre de capela, esteve fora do mosteiro para estudos, conforme anteriormente mencionado. Geralmente não é muito comum a atuação de leigos nesse processo de ensino e aprendizagem na vida monástica, geralmente essa função é creditada sempre a um monge. Podemos observar o quanto é interessante esse processo da prática do canto gregoriano na vida monástica, como se passou de geração em geração para chegar até hoje. Agora fica bem claro que é algo natural que faz parte da vida monástica desde a Idade Média. Lógico que quando for necessário existe a possibilidade de um leigo fazer parte de processo, como por exemplo, um professor especialista em técnica vocal, para

os monges que apresentam alguma dificuldade, um fonoaudiólogo para casos específicos, mas essa prática se dá principalmente na vida da comunidade e entre os próprios monges.

Um ponto muito interessante observado é que em São Paulo o interesse pelo canto gregoriano é bem evidente, não sei se por influência do Mosteiro de São Bento, seria um ponto a ser estudado, mas, tudo indica que sim. Na cidade de Uberlândia MG, onde resido, percebe-se que não há muito interesse pelo canto gregoriano, mesmo com acesso gratuito. Uma vez, em conjunto com o maestro Bertolini, iniciamos um núcleo de base com cinco a seis cantores que são alunos do CIRB (Centro Integrado Regatieri Bertolini), empresa que tem diversos cursos de música ministrados pelo maestro, então percebemos que não havia muito interesse por parte dos alunos. Esse desinteresse também é recorrente na própria Igreja Católica Apostólica Romana local, às vezes, não diretamente pelos sacerdotes, mas, pela comunidade paroquial, que desconhece ou nunca teve acesso ao estilo, ou não o considera como parte musical da liturgia atual celebrada. Não se pode comparar um grande centro como São Paulo com uma cidade do interior, mas mesmo com a situação atual, na qual o gregoriano passa a ser visto como algo do passado, não usual para dias hoje, é possível perceber um forte interesse na cidade de São Paulo, e os leigos que difundem essa prática. Podemos citar como um dos exemplos a *Schola Cantorum* da Missa Tridentina que acontece todos os domingos às 18h00min no Mosteiro de São Bento de São Paulo. Tive a oportunidade de fazer o curso de canto gregoriano que é oferecido pela *Schola Cantorum* da Missa Tridentina do Mosteiro de São Bento de São Paulo, sob regência do maestro Ênio. Foi a 7ª oficina de canto gregoriano que o grupo desenvolveu, com um número significativo de participantes em torno de 30 a 40 pessoas por oficina.

Não poderia deixar ser citado o trabalho significativo ao qual a São Paulo *Schola Cantorum* tem realizado na cidade de São Paulo. O projeto é supervisionado e administrado pelo maestro Delphim Rezende Porto, tem cumprido um papel fundamental no retorno da prática do canto gregoriano.

É muito importante, quando se compara uma *Schola Cantorum* profissional ou convencional com uma *Schola Cantorum* monástica, que os focos são totalmente diferentes. Uma *Schola Cantorum* profissional se difere em primeiro lugar por selecionar vozes, ou seja, a maior parte dos cantores são profissionais, ou no mínimo pessoas com entendimento musical, principalmente em relação ao canto gregoriano e com um nível elevado. Daí é cobrada também por parte do regente a técnica vocal, de

um nível médio para avançado como um dos pré-requisitos principais para que o cantor seja inserido na *Schola Cantorum*. Uma *Schola Cantorum* já se difere porque não é tradição ter um regente e sim o primeiro cantor, não se tem foco na profissionalização das vozes, existe, naturalmente, estudo aprofundado do canto gregoriano, mas, se canta com as vozes disponíveis, sendo boas ou não, a prática se dá pelos ofícios e liturgias, que são diários, dessa forma isso cria uma necessidade de alimentação, algo natural, o foco é rezar através do canto.

Da sua concepção até os dias atuais, não podemos esquecer que o canto gregoriano é vocal, após alguns séculos foi permitido que houvesse um acompanhamento, geralmente tocado por um órgão de tubos. Mas principalmente no início da Idade Média até por volta da Renascença o uso de instrumentos musicais para acompanhar o canto, principalmente na missa, era praticamente proibido. Com tempo isso foi se distanciando do gregoriano. Hoje em dia, principalmente, se tornou uma prática recorrente ter o órgão como acompanhamento enquanto se canta o gregoriano.

No Mosteiro de São Bento de São Paulo, o mestre de capela Dom Alexandre tem como opção durante a semana o não uso do órgão, foi até mesmo uma ferramenta metodológica que aplica com monges para reforçar a afinação e principalmente a não dependência de ter um instrumento para cantar o gregoriano. Durante a semana nas liturgias do mosteiro Dom Alexandre opta por não utilizar o órgão de tubos, dessa forma, se tem a oportunidade de manter também as características dos primórdios do canto gregoriano, apenas vocal. O uso diário do instrumento acaba não fazendo a diferença que se espera todos os domingos na missa conventual das 10h00min. Dom Alexandre explica que isso também é muito importante para os novatos que vão se inserir no mosteiro onde eles vão ter a oportunidade de desenvolver essa prática como era feita na idade média.

Quando um candidato à vocação decide entrar no mosteiro já deve ter em mente que o canto faz parte da identidade da vida monástica, mesmo aqueles que não têm vocação para cantar devem ter a consciência de que haverá essa prática até o fim de sua vida. Aqueles que têm mais disposição ou talento vão se aglutinar na *Schola Cantorum*, onde acabam tendo uma atenção especial em relação às questões musicais. Mas na vida monástica o que é mais importante é a prática diária com o canto gregoriano, várias vezes por dia, nos ofícios, nas missas. Assim, ensaios extras não ajudam a melhorar o canto, porque já está garantida essa prática diária, podemos dizer que prática diária é como se fosse ensaios intensivos. Por exemplo, durante a semana inteira é cantada a

mesma missa de domingo, exceto se tiver uma memória de algum santo, uma solenidade, mas fora isso é a mesma missa. Então se não saiu bem em um dia, sai no outro, no outro, até o domingo, o coro tem oportunidades de rever, repassar o material em loco.

A estrutura geralmente é a seguinte:

- Os ensaios acontecem sempre 15 minutos antes das missas, e é obrigatória a presença dos postulantes, noviços e professos simples.
- Os monges em período de formação são obrigados a participar de todos os ensaios.
- Faz parte do processo de formação aprender o gregoriano.
- Fazer técnica vocal.
- No período de formação é feita sempre a análise das potencialidades de cada candidato, no caso, como o assunto é sobre o canto gregoriano, para a música e o canto.
- O Abade sempre investe naqueles que têm predisposição à música. No momento, o mosteiro tem um monge fazendo doutorado em música sacra em Roma.
- Nas missas diárias é obrigatória a participação dos postulantes, noviços e professos simples e todos os monges da comunidade que estiverem presentes.
- Nos ensaios em ocasião de festas, grandes festas e solenidades, geralmente o Abade convoca toda a comunidade monástica.

O Mosteiro de São Bento de São Paulo utiliza os graduais e os antifonais impresso por Solesmes para a prática do canto gregoriano, esse material é de fácil acesso, porque a editora já tem uma tradição no mundo.

A seguir, serão articulados no texto trechos da entrevista realizada com Dom Alexandre (2018), nos quais encontram-se informações relevantes acerca da prática do canto gregoriano no Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Entrevistador: Caso alguma música ou trecho não seja bem executado, o senhor faz algumas considerações? Quando?

Dom Alexandre: *Sim, sempre faço. Essas considerações e correções acontecem nos ensaios antes da missa. Mas eu não canso a comunidade monástica com excessos de perfeccionismo, até porque não são cantores profissionais, principalmente os ingressantes que por vezes não têm noções básicas de canto. O esquema monástico de canto é diferente de um coral leigos ou profissional.* (Dom Alexandre, 2018).

Esses depoimentos iniciais esclarecem muitos mitos que geralmente são construídos na mentalidade das pessoas lá fora, em relação à vida monástica, abrindo um olhar mais amplo e crítico sobre a prática do canto gregoriano no mosteiro. Observando a missa diária das 07h00min, pude perceber que o introito *Respice me* que estava sendo cantado desde segunda-feira, na quarta-feira estava com uma execução de extrema qualidade. Dessa forma, percebe-se que diferente de uma *Schola Cantorum* que tem o foco em qualquer tipo de prática musical profissional o ensaio não é fator determinante para uma boa performance. Na verdade, a prática do canto gregoriano no Mosteiro de São Bento de São Paulo se dá na liturgia, dia a dia, e o ensaio passa a ser apenas um complemento, e não há preocupação com uma execução perfeccionista no sentido lato da performance. Poder acompanhar essa prática diária para análise dessa pesquisa foi muito importante.

Entrevistador: Como o senhor ensina o canto gregoriano aqui no mosteiro?

Dom Alexandre: *Eu utilizo o método de Dom Eugene Cardine, porém no decorrer da história recente da prática atual, outras propostas metodológicas foram utilizadas, como por exemplo, o método da Ir. Marie Rose O.P., que na verdade é uma compilação do método de Solesmes. Acho muito oportuno você estudar essas propostas metodológicas, vão te auxiliar muito na regência gregoriana com os futuros grupos para os quais você vai ministrar cursos.* (Dom Alexandre, 2018)

Entrevistador: O senhor ministra aulas de música para os monges, solfejo, leitura dos neumas? Principalmente com os novatos.

Dom Alexandre: *A metodologia que eu utilizo é mesma para qualquer iniciante de música. Trabalho com eles as consciências básicas de entonação, exercícios de percepção musical principalmente no sentido melódico. Lógico, por se tratar de canto gregoriano, não foco muito sobre o estudo da música moderna, como grafia, rítmica, sistema tonal, caso algum deles tenha o interesse, podem se aprofundar, mas as aulas são focadas nos princípios musicais que vamos utilizar no canto gregoriano. No caso, esse processo de ensino e aprendizagem, se inicia desde o primeiro dia do candidato no mosteiro, todos os monges que estão aqui hoje já passaram por esse processo um dia, inclusive eu. Mesmo não sendo profissionais, todos aqui têm familiaridade com os aspectos musicais básicos, como solfejo, técnica vocal, leitura dos neumas, todos conseguem cantar.* (Dom Alexandre, 2018)

Entrevistador: Todos os monges são obrigados a cantar? Quando algum candidato tem algum problema de afinação, como o senhor procede?

Dom Alexandre: *Quando um possível candidato demonstra o interesse na vida monástica, alguns pontos elementares já vão sendo analisados, um deles é a predisposição ao canto. Mas veja bem, ser afinado não é pré-requisito para se ingressar no mosteiro. Inclusive já tivemos diversos casos de candidatos que não tinham entonação definida e no decorrer do tempo conseguiram ter boa entonação. É muito interessante acompanhar esse processo dia a dia, desde quando a pessoa ingressa. Houve casos de candidatos que nos surpreenderam, pois tinham uma entonação muito precária, mas com a exposição cotidiana ao canto, chegaram a um nível excelente e inclusive foram convidados para compor o corpo auxiliar da Schola Cantorum. Na verdade, o interessado não ingressa de um dia para outro, ele geralmente frequenta o mosteiro, passa alguns dias conosco, então aos poucos vamos analisando todas essas questões que vão compor a vida religiosa dessas pessoas, até o dia do ingresso no mosteiro. E se no caso tal candidato tem alguma dificuldade em relação a cantar, já nos primeiros meses administramos esse problema, porque um dos focos do nosso mosteiro é o investimento no canto.*

Se for o caso, buscamos o auxílio de profissionais da área, como professores de canto com trabalho específico em técnica vocal. Caso seja algum problema relacionado à fala ou afins, recorreremos à fonoaudiologia. Buscamos sempre fazer o melhor, para que todos os monges, desde os novatos até os que já estão aqui por mais tempo se integrem, para que a comunidade sempre caminhe de forma homogênea. (Dom Alexandre, 2018)

Entrevistador: Quando o senhor detecta que um determinado candidato tem grande dificuldade em relação a entonação, como se resolve este problema? É dada uma atenção especial ao mesmo?

Dom Alexandre: *Sim! Sempre me disponibilizo, principalmente aos que eu percebo que têm dificuldades, porque aqui o importante é que todos se integrem a comunidade. Podemos dizer que cada um tem o seu tempo, isso foi algo que aprendi muito no decorrer desses quase trinta anos que estou aqui no mosteiro. A música é uma linguagem, dessa forma, se a pessoa não entender, não tem como cantar. Essa prática faz com que aos poucos a pessoa se familiarize, como por exemplo, aprendemos primeiro as vogais, depois as consoantes, depois as palavras e assim por diante, até chegar ao texto, a uma leitura fluente, não é diferente com o canto gregoriano. Um recurso que utilizamos que não deixa com que a pessoa se sinta excluída é pedir para que, em vez de cantar, ela reze, até ter uma base para poder cantar, e treinar a dinâmica de ouvir como os outros monges estão cantando. Precisa ter calma, leva um tempo, o segredo é mental, é ouvir, na verdade acredito que essa deveria ser a dinâmica de todo coral, não podemos cantar ouvindo a si mesmo. (Dom Alexandre, 2018)*

Um dos referenciais metodológicos utilizados pelo Mosteiro de São Bento de São Paulo é o método de Dom Eugene Cardine. Os depoimentos que foram concedidos têm essa literatura como fundamentação musicológica e científica adotada pelo mosteiro. A obra *Canto Gregoriano: uma abordagem introdutória* de Jacques Viret, traduzida por Paulo Valente, cita a obra de Dom Eugene Cardine.

3.4.2. Os cursos de cantochoão

O curso de canto gregoriano oferecido pelo mosteiro esta em funcionamento há mais de 16 anos. Acontece uma vez por mês sempre no último sábado de cada mês, das 09h30min às 11h30min, havendo uma boa frequência inclusive: de 30 a 40 alunos. O público alvo seria inicialmente para pessoas que frequentam o mosteiro, porém atualmente o curso tem atraído interessados em conhecer o canto gregoriano, músicos amadores e profissionais, e algumas pessoas que têm a intenção de se aperfeiçoar o conhecimento no estilo. A proposta metodológica inicial foi pensada em uma introdução elementar, a fim de estimular a curiosidade das pessoas em relação ao gregoriano. Essa iniciativa foi importante porque possibilitou que os fiéis tivessem a oportunidade de compreender melhor o estilo musical que é entoado nas diversas liturgias no mosteiro, antes mesmo da implementação do curso perdidas muitas pessoas já tinham o interesse em conhecer, aprender melhor o gregoriano. O Exmo. e Revmo. Dom Mathias Tolentino Braga OSB, Abade do Mosteiro de São Bento de São Paulo, foi grande incentivador na criação do curso de canto gregoriano. Segundo Dom Alexandre:

O canto gregoriano em contexto geral se torna distante das pessoas por não fazer parte da nossa cultura musical; ele fez parte da cultura musical medieval, dessa forma nós nos encontrávamos em uma posição anacrônica em relação à atualidade e à cultura. Acreditamos que com a abertura do curso surgiria um espaço onde as pessoas teriam a oportunidade de ter um contato mais próximo o com estilo, com a intenção apenas de conhecer, ou a curiosidade de aprender, de se aprofundar, ou seja, várias possibilidades da difusão (Dom Alexandre, 2018).

O curso é estruturado de forma não sistemática, ou seja, não se tem uma obrigatoriedade de frequência ou lista de presença, não há emissão de certificados ou afins, é um curso livre. Dessa forma, se desperta interesse maior nas pessoas. Apenas com uma única aula a pessoa consegue ter os conhecimentos elementares básicos do gregoriano.

O curso é oferecido durante o ano todo, as aulas são iguais, com pequenas alterações, no início da aula é feita uma introdução geral sobre o estilo, algo bem básico. Segundo Dom Alexandre:

O curso é pensando principalmente no perfil dos alunos que o frequentam. Não temos a intenção de formar uma Schola Cantorum, ou construir um repertório, é apenas para dar uma oportunidade das pessoas conhecerem e entenderem melhor o estilo musical que utilizamos em nossas liturgias. Lógico que de certa forma o curso proporciona a prática, inclusive alguns alunos que o frequentam, depois de um tempo adquirem um conhecimento amplo do estilo, mas essa relação acontece de forma natural.

Sempre recomendo àqueles que querem se aprofundar para que venham em todas as aulas, porque em cada aula se aborda um repertório novo e um modo gregoriano, ou seja, durante o ano abordamos todos os modos gregorianos. Existem oito tipos de modos, o repertório é sempre diferente. A grande vantagem é que conseguimos estruturar o curso de maneira com que todos os alunos consigam acompanhar, desde os novatos aos veteranos, no final da aula todos conseguem cantar. O repertório do curso é o mesmo repertório que vamos cantar na missa de domingo, dessa forma à conclusão do curso acontece na missa conventual às 10h00min no domingo. Um ponto muito interessante é que muitas pessoas que frequentam o curso, passam a frequentar também o mosteiro, compram os graduais e vêm cantar a missa conosco todos os domingos, inclusive são bem assíduos. Acredito que o fato de poder participar do curso e cantar na missa junto com os monges, certamente é uma experiência muito boa para os alunos. (Dom Alexandre, 2018)

No mosteiro também há o curso de canto gregoriano oferecido pelos leigos responsáveis pela *Schola Cantorum* da missa tridentina, como foi dito na introdução deste capítulo.

O curso de canto gregoriano oferecido pelo mosteiro é ministrado por Dom Alexandre mestre de coro e primeiro cantor. O curso oferecido pelos leigos que compõe a *Schola Cantorum* da Missa Tridentina é ministrado pelo maestro Ênio. Ambos cumprem um papel fundamental não só na difusão do ensino do gregoriano, como também em fomentar essa prática no país. Essas iniciativas também são importantes para o contexto musical em si, não apenas para a música sacra, ou a Igreja Católica. Esses cursos promovem o processo de educação musical, conhecimento da história da música, prática de canto coletivo, dentre diversos conhecimentos musicais de forma geral.

O canto gregoriano é muito distante de nós, tanto pela questão cronológica da história da música, quanto em relação à acessibilidade que a Igreja Católica dispõe nos dias atuais para o ensino e prática desse estilo. Dessa forma não é fácil de compreender, executar, interpretar, cantar da forma que o estilo exige. Essas iniciativas dos cursos promovem para as pessoas principalmente para as que residem na cidade de São Paulo, a oportunidade de ter contato com o gregoriano; e o mosteiro, tem assumido essa função social na educação musical com foco na música medieval.

Essa proposta do curso ajuda a fortalecer a prática do canto gregoriano, é um projeto paralelo que vai fomentando essa atividade musical dentro do mosteiro. É de grande importância ter projetos paralelos como este, afim de, promulgar a prática, não só através dos monges, mas também dos leigos.

Outra iniciativa importante do Mosteiro de São Bento é o curso livre de latim, oferecido pela Faculdade de São Bento. Algumas pessoas que começam a fazer o curso de latim se interessam em fazer o curso de canto gregoriano, para poder colocar em prática as questões de pronúncia. Algumas pessoas que fazem o curso de canto gregoriano com a intenção de melhorar a pronúncia se interessam em fazer o curso de latim. Podemos dizer que esses dois cursos dialogam e esse diálogo é muito importante, como se um curso complementasse o outro. Dessa forma, percebemos que o mosteiro favorece a prática do canto gregoriano em vários sentidos, inclusive investindo em dar formação elementar para os leigos.

A cultura do canto gregoriano nos mosteiros desde a Idade Média tem como tradição que apenas os monges cantem. Essa realidade da inserção dos fiéis cantando o canto gregoriano junto aos monges é uma situação atual dessa prática, que vem modificar uma concepção. Nos últimos cinquenta anos, o gregoriano novamente entrou em total decadência até mesmo nos mosteiros, mas nas últimas décadas percebe-se um possível processo de restauração, inclusive por parte dos leigos.

Em alguns mosteiros na Europa e Estados Unidos, há a tradição de entregar um livreto com os textos e os cantos que vão compor a liturgia na hora da missa para os fiéis. Mas geralmente não se pode cantar junto com os monges. Inclusive há um monge responsável em comunicar às pessoas que não se deve cantar, que o livreto foi entregue apenas para acompanhar.

Essa realidade não é muito diferente no mosteiro de São Bento de São Paulo, mas quem geralmente chama atenção das pessoas não são os monges, são os próprios fiéis ou turistas. Quando as pessoas começam a cantar durante a missa com os monges, têm turistas, ou outros fiéis que estão na missa que chegam e dizem “será que vocês poderiam parar de cantar? Viemos ouvir a apresentação dos monges”. Isso reflete também que, para muitos, o canto gregoriano cantado pelos os monges é visto como uma apresentação, as pessoas não se situam que estão em uma missa, principalmente os turistas ou pessoas que por vezes vão apenas visitar o mosteiro. Após a criação do curso, que já tem mais de 16 anos, foi se criando essa cultura, essa nova concepção das pessoas poderem cantar junto com os monges. A tradição que está sendo constituída das pessoas participarem com os monges, inclusive reforça um dos carismas da ordem beneditina que é a hospitalidade, as pessoas vêm rezar e cantam com os monges. De certa forma o curso vem trazer uma nova forma de se pensar a prática do canto gregoriano, para as pessoas e para a comunidade monástica do Mosteiro de São Bento

de São Paulo. Segundo o Irmão João Baptista: “*Nas missas conventuais e solenidades é possível ver pessoas próximas ao altar com o gradual nas mãos e que cantam conosco, inclusive o curso, tem a intenção também de treinar as pessoas para cantarem de forma correta junto aos monges*”. (Ir. João, 2018)

Figura 34: Cartaz do curso de canto gregoriano A



Aulas de Introdução ao

Canto Gregoriano

Todo último Sábado de cada mês,
na Faculdade de São Bento,
das 09h30 às 11h30.

Não é necessário fazer inscrição, as aulas são abertas a todos.



Como compreender, ler, apreciar, cantar e rezar juntamente com os monges
a tradição milenar do Canto Gregoriano.

Entrada Franca

Ant. II^d

O- ri- ens, * splendor lu-cis æ-ternæ

Antiphonale Monasticum I (2005) 51.

Outras informações: <http://www.gregoriano.net> | gregoriano@gmail.com

Figura 35: Cartaz do curso de canto gregoriano ministradas por leigos.



6ª Oficina de Canto Gregoriano

22 e 23 de Julho de 2017

O coro Gregoriano *Exultet* da Associação Cultural Montfort promove todos os anos um evento para divulgar o canto gregoriano e a Missa em sua forma Extraordinária do Rito Romano (Missa Tridentina). Em sua 6ª edição, a Oficina de Canto Gregoriano abordará conceitos básicos através de aulas teóricas e práticas.

A oficina é aberta a todos que queiram participar, homens e mulheres. Serão dois dias de estudo com ensaios programados e, ao final do curso, será celebrada uma Missa na intenção de todos os participantes, no Mosteiro de São Bento. Essa missa será cantada pelos participantes da Oficina.

Informações e inscrição através doe-mail:
gregoriano.exultet@montfort.org.br

Valor: **R\$ 60** - material incluso

Local:
Mosteiro de São Bento (ao lado do metrô)
Acesso pelo estacionamento (Estacionamento não incluso)



Figura 36: Palestra de canto gregoriano que foi ministrada pelo professor Ricardo Abraão.



Biblioteca do Mosteiro de São Bento promove:

CULTURA GERAL

Diálogo com a Contemporaneidade



Local:
Faculdade de Filosofia do Mosteiro
de São Bento (Teatro).

Largo de São Bento, s/n° - Centro
São Paulo - SP

Site:
www.culturageralsaibamais.wordpress.com
Email:
cultura_geral@hotmail.com
Tel: (11) 3328-8796 - (11) 3328-8793

Palestrante:
Ricardo Abrahão
(Músico e Gregorianista)

Tema:
O Canto Gregoriano hoje.

Dia: 15/09/2009
Horário: 20h - Duração: 1h30m
(Entrada Franca)

3.4.3. A discografia, site e acervo online

No site¹⁸ do mosteiro de São Bento podemos encontrar praticamente quase todas as informações importantes sobre a prática do canto gregoriano. Como por exemplo, o calendário dos cursos oferecidos durante o ano em breve estará disponível no acervo de áudio completo das missas conventuais e solenidades que foram gravadas no ano 2000. Temos disponível no site também um artigo de jornal muito importante do senhor José Sachetta Ramos, especialista sobre canto gregoriano. Esse artigo trata sobre o livro de Dom Eugene Cardine e foi publicado na ocasião do lançamento da tradução do livro. O artigo foi muito bem estruturado, assemelha-se a uma aula, explica como a obra de Dom Eugene Cardine trouxe a mudança do paradigma para a história da música. O senhor José conseguiu uma coesão artística na forma da escrita das frases, cada frase apresenta uma parte da história, uma visão. Através desse artigo é possível desenvolver uma tese de como ele conseguiu explicar em um texto pequeno a fineza da obra de Dom Eugene Cardine.

A evolução tecnológica favoreceu muito a difusão do canto gregoriano, principalmente nas últimas décadas. No passado era muito difícil obter referenciais de interpretações dos vários mosteiros que praticavam o canto gregoriano, se imaginarmos essa realidade na idade média, era praticamente impossível. Durante muitos séculos, os mosteiros sequer poderiam imaginar como o outro interpretava o gregoriano. Hoje, por exemplo, se tem inclusive a possibilidade de um mosteiro escolher uma gravação como referencial devido às inúmeras possibilidades de interpretações.

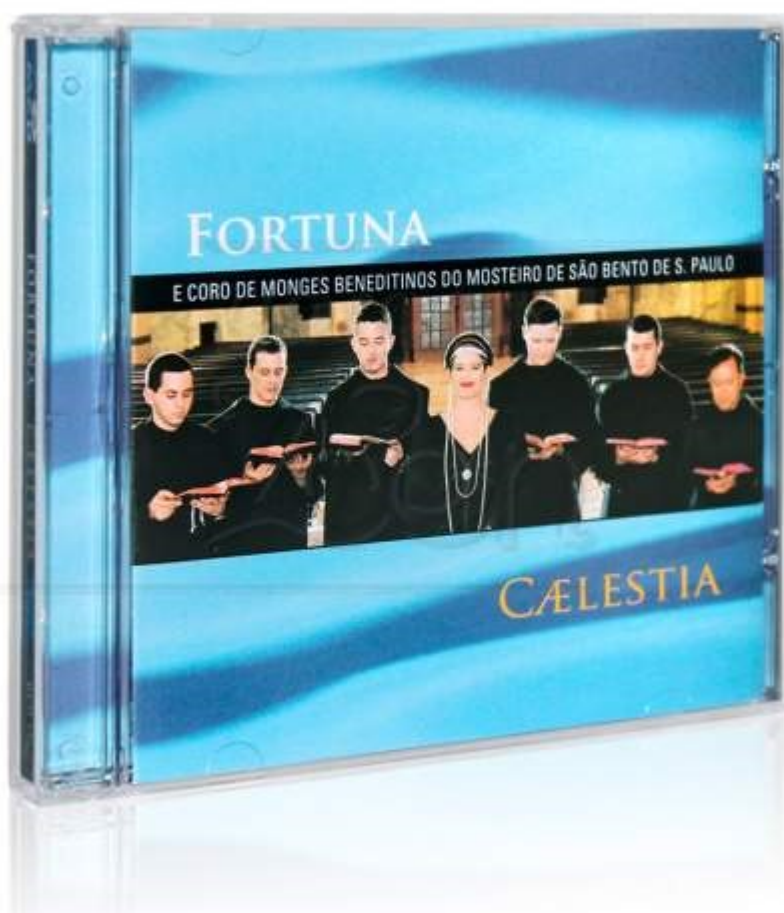
A produção e gravação dos CDs de canto gregoriano foi muito incentivada pelo Abade Dom Isidoro. Ele foi um dos Abades que deu incentivo a esse projeto, depois o atual Abade Dom Matias deu continuidade. Esse projeto representa muito bem a prática atual do canto gregoriano no mosteiro. O mosteiro conta com a gravação de quatro CDs, o primeiro foi gravado em 1991, em 1998, o segundo, e em 2000, o terceiro. Em 2001, aconteceu a gravação do quarto CD, que foi um projeto de grande importância no contexto atual da prática do canto gregoriano no mosteiro; foi a gravação do CD *Clestia*, um trabalho em conjunto de diálogo inter-religioso com a judia *Forturna*, com músicas sefarditas, dos judeus espanhóis, e outras de composição autoral da própria cantora. Na época a *Schola Cantorum* do Mosteiro de São Bento era dirigida pelo mestre de coro e

¹⁸ Disponível em:

<<http://mosteiro.org.br/>> acesso 12/02/18

primeiro cantor Dom Rocco Fraioli. O CD *Clestia* foi capa de revistas e jornais¹⁹ da época, tendo grande popularidade. Segundo Dom Rocco, o monge mestre de capela da época “o canto gregoriano tem raízes na música das igrejas orientais e de sinagogas, daí a não surpresa do encontro hoje formalizado”. Esse CD foi gravado na ocasião do aniversário de 403 anos do mosteiro.

Figura 37: CD Celestia



O Mosteiro de São Bento de São Paulo tem como uma das principais referências, as gravações do Mosteiro de Santo Domingo de Silos. Segundo Dom Alexandre, é um dos melhores referenciais de interpretações para se escutar, inclusive ele adota no

¹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac0508200101.htm>
<http://fortunaoficial.com/application/files/7514/4976/9209/encarte-novos-mares.pdf>
<http://www.comprazen.com.br/2123/cd-caelestia-fortuna-monges-beneditinos-sao-bento-canto-gregoriano-judaismo>

mosteiro muitas questões interpretativas de silos, como por exemplo, andamento, terminações de frases e os refinamentos das concepções interpretativas de forma geral. Dom Alexandre acredita que provavelmente o primeiro acervo de canto gregoriano online foi o do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Um leigo muito presente na vida do mosteiro teve total importância na produção desse material, ele é físico e trabalhava na USP, ou seja, não tinha muita ligação com a música, mas o seu amor pelo canto gregoriano fez com que ele se esmerasse nessa grande produção. Ele tinha muita facilidade em tudo o que é relacionado à produção de áudio. Como grande admirador do canto gregoriano, participou do coral da Ir. Marie Rose, ele sempre estava presente em quase todas as liturgias do mosteiro. Ele gravou durante o ano inteiro todo o acervo de canto gregoriano cantado pela nossa *Schola Cantorum* na missa conventual das 10h00min aos domingos, antes do ano 2000, quando começou a difusão da internet.

Após a conclusão de todas as gravações, ele ainda se deu ao trabalho de digitalizar todo o material de áudio, converter para arquivos MP3 e disponibilizar esse acervo online. Segundo Dom Alexandre, na época não se tinha conhecimento de nem um registro de acervo online de canto gregoriano, então acreditamos que o nosso foi o primeiro. Quando as gravações foram disponibilizadas, as pessoas do mundo todo tiveram acesso a esse acervo consideravelmente importante. As gravações não têm qualidade profissional, por exemplo, de uma produção feita em estúdio. Foram gravadas a partir de um MD, que capta o som ambiente. Como a gravação era feita no meio dos fiéis durante a missa, possui alguns ruídos. Dom Alexandre faz uma reflexão muito importante sobre a produção deste material: a produção desse acervo tem um valor muito importante, não é um canto feito para gravação, mas, é a captação do canto sendo executado no momento da oração, então ele tem valor não só por ter sido uma das primeiras gravações divulgadas online, mas também o valor do contexto, e isso é precioso.

Atualmente este acervo está indisponível, porque estava hospedado em um website cuja manutenção era feita por um fiel do mosteiro, após a sua morte, a família não quis continuar mantendo o site, porque gera despesas. Acredita-se que até o final deste ano o acervo estará disponível no site do mosteiro.

O Mosteiro de São Bento de São Paulo tem como uma das principais referências, as gravações do Mosteiro de Santo Domingo de Silos. Segundo Dom Alexandre, é um dos melhores referenciais de interpretações para se escutar, inclusive ele adota no mosteiro muitas questões interpretativas de Silos, como por exemplo, andamento,

terminações de frases e os refinamentos das concepções interpretativas de forma geral. Dom Alexandre acredita que provavelmente o primeiro acervo de canto gregoriano online foi o do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Um leigo muito presente na vida do mosteiro teve total importância na produção desse material, ele é físico e trabalhava na USP, ou seja, não tinha muita ligação com a música, mas o seu amor pelo canto gregoriano fez com que ele se esmerasse nessa grande produção. Ele tinha muita facilidade em tudo o que é relacionado à produção de áudio. Como grande admirador do canto gregoriano, participou do coral da Ir. Marie Rose, ele sempre estava presente em quase todas as liturgias do mosteiro. Ele gravou durante o ano inteiro todo o acervo de canto gregoriano cantado pela nossa *Schola Cantorum* na missa conventual das 10h00min aos domingos, antes do ano 2000, quando começou a difusão da internet.

Figura 38: Mosteiro de Santo Domingo de Silos. A



Figura 39: CD de Canto Gregoriano dos Monges de Santo Domingo de Silos.



Após a conclusão de todas as gravações, ele ainda se deu ao trabalho de digitalizar todo o material de áudio, converter para arquivos MP3 e disponibilizar esse acervo online. Segundo Dom Alexandre, na época não se tinha conhecimento de nem um registro de acervo online de canto gregoriano, então acreditamos que o nosso foi o primeiro. Quando as gravações foram disponibilizadas, as pessoas do mundo todo tiveram acesso a esse acervo consideravelmente importante. As gravações não têm qualidade profissional, por exemplo, de uma produção feita em estúdio. Foram gravadas a partir de um MD, que capta o som ambiente. Como a gravação era feita no meio dos fiéis durante a missa, possui alguns ruídos. Dom Alexandre faz uma reflexão muito importante sobre a produção deste material: a produção desse acervo tem um valor muito importante, não é um canto feito para gravação, mas, é a captação do canto sendo executado no momento da oração, então ele tem valor não só por ter sido uma das primeiras gravações divulgadas online, mas também o valor do contexto, e isso é precioso.

Atualmente este acervo está indisponível, porque estava hospedado em um website cuja manutenção era feita por um fiel do mosteiro, após a sua morte, a família não quis continuar mantendo o site, porque gera despesas. Acredita-se que até o final deste ano o acervo estará disponível no site do mosteiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carisma da ordem beneditina é fator decisivo para continuidade dessa Prática. O espírito, a oração, a contemplação, o canto e o trabalho são inseparáveis.

Através dessa pesquisa pude concluir que na atualidade não só o canto gregoriano, mas o ensino de música em si, se encontra em decadência nos seminários e mosteiros. Nesse sentido o Mosteiro de São Bento de São Paulo, tem cumprido um papel fundamental tanto na prática, quanto na difusão do estilo. As iniciativas, por exemplo, do curso de canto gregoriano promovido pelo mosteiro, de certa forma proporciona um enriquecimento cultural, o acesso ao estudo de outro idioma, no caso o latim, e conhecimentos básicos musicais, o que reflete diretamente na contribuição cultural para sociedade a qual o mosteiro esta inserida.

A seguir, serão articulados no texto trechos da entrevista realizada com Dom Alexandre (2018). Esses trechos são fundamentais para conclusão dessa pesquisa, ajudaram a esclarecer pontos fundamentais da prática do canto gregoriano, que certamente é desconhecida no consenso geral.

Entrevistador: Qual a diferença entre a *Schola Cantorum* monástica e uma *Schola Cantorum* que tem foco de atuação profissional? No caso as iniciativas que comecei a desenvolver fora do mosteiro com leigos são importantes?

Dom Alexandre: *Então, como eu te disse: pensar na formação de qualquer grupo que seja fora da vida monástica é uma realidade totalmente diferente, não tem como se comparar. Na verdade você terá uma oportunidade importante que muitas vezes não temos aqui, que é de formar esses cantores desde o início, inclusive pensando na possível profissionalização do grupo. Acho muito válida sua iniciativa, como disse, acredito que pelo fato de você poder dar uma orientação a esses cantores de um nível básico para o avançado, esse embasamento vai trazer logicamente um desenvolvimento musical satisfatório.*

Em nossa realidade, apesar de contar muitas vezes com essa oportunidade de ter a prática diária, você só tem a formação do gregoriano nos primeiros anos, não há uma especialização, até porque não é foco. O canto é parte da liturgia e não o contrário, lógico que um ou outro por ter predisposição poderá fazer algum tipo de especialização, mas no geral não é o que acontece. Depois da formação inicial, o estudo do canto gregoriano não passa a ser mais prioridade, porque com base que é passada já é o bastante para que o monge consiga acompanhar toda liturgia cantada que é exigida. A prática em si e a experiência com o gregoriano na vida de um monge, vão sendo construídos, dia a dia, ano a ano até os seus últimos dias de vida. Temos que ter a noção de que essa prática será para toda a vida.

Então quando digo que depois da formação inicial esse estudo do gregoriano passa a não ser mais prioridade para um monge, não é no sentido pejorativo, mas porque sabemos que

teremos essa prática por toda a vida. Entende a diferença entre a ScholaCantorum monástica e uma ScholaCantorum profissional ou convencional?

Agora todos os grupos que desenvolvem a prática do canto gregoriano como profissionais, tem o foco da excelência da performance. Acredito que muitos desses podem apresentar execuções muito superiores à nossa, justamente pelo foco ser profissional. Não posso dizer que esses grupos não rezam no momento que cantam, mas a execução vem em primeiro plano, desde cantores tecnicamente preparados, todos com conhecimento musical amplo e a autoridade do regente, que pode cobrar de cada um a excelência na performance. Então, você percebe como são realidades totalmente diferentes? (Dom Alexandre, 2018)

Essa iniciativa do curso de canto gregoriano promovida pelo Mosteiro de São Bento, é muito importante tanto para a cidade de São Paulo quanto para o Brasil em relação à difusão da prática do canto gregoriano. Um aspecto relevante é trazer para a atualidade esse contato direto de uma cultura medieval para as pessoas.

Em uma breve pesquisa, pode-se dizer que o Mosteiro de São Bento de São Paulo foi um dos poucos ou talvez o primeiro a incentivar essa nova concepção dos fiéis poderem cantar o canto gregoriano durante as liturgias. O curso oferecido já é uma tradição na cidade de São Paulo. Em curto prazo não haverá um reflexo perceptível. Mas, caso essa proposta continue, teremos uma mudança de concepção em relação à prática, onde o leigo terá um papel junto aos monges na difusão do estilo. Essa realidade do leigo com o gregoriano poderá ser muito importante para ampliar o conhecimento do estilo e a prática fora dos mosteiros. Nessa perspectiva, os mosteiros seriam a base de ensino e os leigos os difusores.

Dom Alexandre no último dia das entrevistas me fez um alerta que foi muito importante para as considerações finais deste trabalho:

Você deve dar continuidade a este estudo, abrir o leque para coletar informações sobre a prática com a ótica de pessoas que já passaram ou tiveram de certa forma algum contato com o canto gregoriano dentro do mosteiro. Mas essas visões podem ser bem diferentes das que foram apresentadas nesta pesquisa, então é importante balancear essas informações. Devido a esses possíveis problemas, esta pesquisa teve como foco principal o depoimento dos monges, porque são eles que vivem essa prática diária, então mesmo que se encontrem visões que diferem do que foi relatado pelos monges, o que prevalece neste texto são os referenciais pesquisados no mosteiro, para ser totalmente fiel com o título da pesquisa (Dom Alexandre, 2018)

Através da iniciativa do curso ministrado pela *Schola Cantorum* responsável pela Missa Tridenitna que a iniciativa por parte de leigos aponta para um possível

ressurgimento dessa prática que não fica prevista apenas aos mosteiros, dessa forma, como já aconteceram na história dois momentos significativos (Séc. IX-XIX) em relação à restauração do canto gregoriano, começamos a notar esse processo se iniciando novamente no contexto atual.

Na atualidade, muitos mosteiros brasileiros deixaram de cantar o gregoriano, por falta de monges ou profissionais que auxiliem na sistematização da prática. Hoje alguns mosteiros, como a Abadia da Ressurreição, em Ponta Grossa, no Paraná, fizeram algumas adaptações na prática do canto gregoriano, cantando partes em português²⁰. Porém alguns mosteiros por falta de um monge ou profissional com mais esclarecimento em relação ao canto gregoriano decidiram parar de cantar. Como uma comunidade monástica não é composta por profissionais na área da música, e o foco do canto é a oração, é muito importante que tenha uma pessoa, ou um monge que leve o projeto à frente, para não deixar que a prática seja interrompida.

Em relação à prática do canto gregoriano na atualidade, não poderia deixar de citar a *Schola Gregoriana mediolanensis* tem sido grande difusora do canto gregoriano no mundo, através do canal de seu canal no YouTube²¹. Podemos considerar que na atualidade ela é um referencial na prática do canto gregoriano no mundo. O mestre de coro Giovanni Vianni, tem grande experiência prática com o canto gregoriano, inclusive já produziu gravações de quase todo o gradual. Ele já gravou com sua *Schola Cantorum* as peças mais importantes do repertório de canto gregoriano. De certa forma, isso colaborou não só para difusão do canto gregoriano, como incentivou o retorno da prática, para aqueles que não tinham acesso a esse tipo de ensino.

A *Schola* foi fundada em 1980, pelo renomado regente Giovanni Vianni, ela é composta por dois grupos, uma formação com vozes masculinas e outra com vozes femininas, com mais ou menos 20 cantores em cada formação, geralmente em algumas apresentações o regente desenvolve uma dinâmica com coro misto “homens e mulheres cantando juntos”. A *Schola* tem o objetivo de desenvolver a prática no serviço litúrgico e de preservar a tradição da prática do canto gregoriano e ambrosiano. Na Arquidiocese de Milão e na Basílica de San Vittore, se mantém a tradição da celebração do rito Ambrosiano. O rito ambrosiano foi instituído pelo padre Ambrósio que foi arcebispo de Milão (374-397).

²⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PPwflHYoPXQ>>. Acesso em: 15/11/2018.

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCZ-KNHVRGfZHGgLme0QEYrg>>. Acesso 15/11/2018

Ela cumpriu um papel muito importante, nos últimos 35 anos já passaram mais de dois mil alunos, que tiveram a oportunidade de obter um grau de formação elevado em relação à prática do canto gregoriano e ambrosiano.

A *Schola gregoriana Mediolanensis* destaca-se também na difusão do canto ambrosiano. Ela cumpre um papel muito importante nesse sentido da difusão dessas duas vertentes que se originaram do cantochão. É muito raro uma *Schola Cantorum* na atualidade exercer a prática de duas vertentes, é mais comum encontrar a prática do canto gregoriano.

A partir dessa pesquisa foi possível ter a noção de como essa prática chegou à atualidade, e o seu possível futuro dentro do mosteiro de São Bento de São Paulo. No decorrer da história o canto gregoriano teve os seus altos e baixos, mas, diferente de muitos estilos musicais se manteve até hoje. Podemos notar que mesmo em pequenas iniciativas, em núcleos restritos, temos o revigorar dessa prática que cresce novamente, no contexto atual.

5. REFERÊNCIAS

Abbaye Saint-Pierre de Solesmes. Graduale Romanum. Desclée & Co., Tournai, Belgium 1974. ISBN 2-85274-094-X

BOETII. De institutione musica libri quinque, ed. Godofredus Friedlein. Leipzig: B.G. Teubner, 1867. P. 177-225.

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos textos originais. São Paulo- SP: Edições Paulinas, ISBN 85-0500365-9, 1980.

BÍBLIA Sagrada. Edição Ecumênica. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, Com notas e um completo Dicionário Prático por Mons. José Alberto L. de Castro Pinto. Rio de Janeiro: Barsa, 1972.

CADERNOS DE MÚSICA. Publicação de estudos sob responsabilidade do Museu da Música, nº5. Itu, 2015.

Cardine, Dom Eugène. Primeiro ano de canto gregoriano e semiologia gregoriana. São Paulo: Ed. Palas Athena, 1989.

CASTAGNA, Paulo. *Apostila do curso de História da Música Brasileira*. Instituto de Artes da UNESP. Disponível em: <www.ia.unesp.br/area_aluno_nova/material_didatico_musica.php>.

CANTOS GREGORIANOS. Edição especial da Revista Qualidade de Vida. Rio de Janeiro: Prol Editora Gráfica Ltda.

De Souza Ney. Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo, 1554-2004. São Paulo: Paulinas, 2004.

ECLESIASTE. Capítulo 1, versículo 1-7, p.1167. In: A Bíblia de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos textos originais. São Paulo- SP: Edições Paulinas, ISBN 85-0500365-9, 1980.

ECLESIASTE. Capítulo 1, versículo 1-7, p. 511. In: bíblia Sagrada. Edição Ecumênica. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, Com notas e um completo Dicionário Prático por Mons. José Alberto L. de Castro Pinto. Rio de Janeiro: Barsa, 1972.

Entrevistas com Dom Alexandre. Mosteiro de São Bento de São Paulo-SP. Realizada em 14 de Abril de 2018.

Entrevistas com Irmão João Baptista. Mosteiro de São Bento de São Paulo-SP. Realizada em 10 de Janeiro de 2018.

GROUT, Donald; PALISCA, Claude. *História da música ocidental*. Título original: *A History of western music*, 3ª ed. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Gradiva Publicações, 1994.

GUIMARÃES Samarão Monteiro De Barros Lais. Centro Velho de São Paulo- 450 Anos de História. São Paulo: Scor Tecci, 2005.

JOSUÉ. Capítulo 6, versículo 12-20, pág. 343-344. In: A Bíblia de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos textos originais. São Paulo- SP: Edições Paulinas, ISBN 85-0500365-9, 1980.

JOSUÉ. Capítulo 6, versículo 12-20, pág. 161. In: Bíblia Sagrada. Edição Ecumênica. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, Com notas e um completo Dicionário Prático por Mons. José Alberto L. de Castro Pinto. Rio de Janeiro: Barsa, 1972.

MASSIN, Brigitte; MASSIN, Jean. Historia da Música Ocidental. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MONGES Beneditinos de Solesmes. Liber Usualis. New York: Desclé Co. p. xi, (1961).

RAMOS Sachetta José. Os fundamentos do canto gregoriano. Artigo da folha de São Paulo, Ilustrada F-3 de Domingo, 20 de Agosto de 1989. Disponível em:
<<http://mosteiro.org.br/os-fundamentos-do-canto-gregoriano/>>. acesso: 10/01/2018

ROMAIN, Paroissien. *La messe et l'office*: pour le dimanche et les fêtes. Chantgrégorien extrait de l'édition Vaticane. Tournai: Desclée & Cie, 1958.

ROSE, Marie. Canto Gregoriano, Método de Solesmes. – 1ªed. Empresa Editora Carioca Ltda. Coleção PIO X- IX/ 2º livro, 1960.

SACROSSANTUM CONCILIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

SAMUEL I. Capítulo 16, versículo 14-23, pag. 443-444. in: A Bíblia de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos textos originais. São Paulo- SP: Edições Paulinas, ISBN 85-0500365-9, 1980.

SAMUEL I. Capítulo 16, versículo 14-23, pag. 212. in: Bíblia Sagrada. Edição Ecumênica. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, Com notas e um completo Dicionário Prático por Mons. José Alberto L. de Castro Pinto. Rio de Janeiro: Barsa, 1972.

Viret, Jacques. Canto Gregoriano: uma abordagem introdutória. Título original: B.A.- B.A Chant Grégorien. Tradução de Paulo Valente. Curitiba: Editora UFPR, 2015. 160 p.: il -(Série Coleção Luteria, História e Cultura Musical) ISBN 978-85-8480-025-4.

5.1 REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Figura 1: Cantochão primitivo A

Disponível em: <<https://editions.covecollective.org/chronologies/middle-ages-music-and-gregorian-chant>> Acesso em 02 de fevereiro de 2018

Figura2: Cantochão primitivo B

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jiJs0DY1BnE>>

Acesso em 02 de fevereiro de 2018

Figura 3: Cantochão primitivo C

Disponível em: <<https://www.wwno.org/post/continuum-old-england>>

Acesso em 02 de fevereiro de 2018

Figura 4: Primórdios da grafia musical A

Disponível em: <<http://missmusicnerd.com/music-101/021014-the-medieval-era-gregorian-chant/>>

Acesso em 02 de fevereiro de 2018

Figura 5: Primórdios da grafia musical B

Disponível em: <https://www.alamy.es/imagenes/gregorian-chant.html>

Acesso em 05 de fevereiro de 2018

Figura 6: Mosteiro de Solesmes A

Disponível em: <<http://www.manoirsaintframbault.com/around/solesmes-abbey-one-thousand-year-of-history>>

Acesso em 05 de fevereiro de 2018

Figura 7: Mosteiro de Solesmes B

Disponível em: <<https://www.amazon.com/Monks-Solesmes-Gregorian-Sampler/dp/B000003XH2>>

Acesso em 05 de fevereiro de 2018

Figura 8: Mosteiro de São Bento de Olinda A

Disponível em:

<<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2018/05/27/mosteiro-de-sao-bento-de-olinda-historia-que-se-escreve-ha-432-anos-340819.php>>

Acesso em 05 de fevereiro de 2018

Figura 9: Mosteiro de São Bento de Olinda B

Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g304559-d2359527-Reviews-Church_and_Monastery_of_Sao_Bento-Olinda_State_of_Pernambuco.html>

Acesso em 20 de fevereiro de 2018

Figura 10: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro A

Disponível em: <<https://www.mosteirodesaobentorio.org.br/>>

Acesso em 20 de fevereiro de 2018

Figura 11: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro B

Disponível em: <<https://carmencarolina.wordpress.com/2010/05/23/mosteiro-de-sao-bento/>>

Acesso em 20 de fevereiro de 2018

Figura 12: Mosteiro de São Bento (1860)

Disponível em: <<http://centrospmilfaces.blogspot.com/2012/06/largo-do-sao-bento.html>>

Acesso em 20 de fevereiro de 2018

Figura 13: Largo do São Bento (1910)

Disponível em: <<http://centrospmilfaces.blogspot.com/2012/06/largo-do-sao-bento.html>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2018

Figura 14: Palácio no Campos Elíseos: Antiga sede do governo do estado de São Paulo e atual sede da secretaria de estado e Ciência. A

Disponível em: <<http://historiasaopaulo.blogspot.com/2013/04/>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2018

Figura 15: Palácio no Campos Elíseos: Antiga sede do governo do estado de São Paulo e atual sede da secretaria de estado e Ciência. B

Disponível em: <<http://historiasaopaulo.blogspot.com/2013/04/>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2018

Figura 16: Liceo Coração de Jeus A

Disponível em: <<http://historiasaopaulo.blogspot.com/2013/04/>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2018

Figura 17: Liceo Coração de Jesus B

Disponível em: <<http://historiasaopaulo.blogspot.com/2013/04/>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2018

Figura 18: Chapitre Général des Abbés de la Congrégation de Beuron.

No centro da foto está o Rev.mo Dom Abade Hildebrand de Hemptine,

1º Abade Primaz da confederação da ordem de São Bento, nomeado por Sua Santidade o Papa Leão XIII em 12 de Julho de 1983.

Disponível em: <<http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/07/>>

Acesso em 28 de fevereiro de 2018

Figura 19: Dom Abade Miguel Kruse, OSB, restaurador do Mosteiro de São Bento de São Paulo - SP- Brasil. A

Disponível em: <<http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/07/>>

Acesso em 15 de Março de 2018

Figura 20: Dom Abade Miguel Kruse, OSB, restaurador do Mosteiro de São Bento de São Paulo - SP- Brasil. B

Disponível em: <<http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/07/>>

Acesso em 15 de Março de 2018

Figura 21: Mosteiro de São Bento (1916). A

Disponível em: <<http://garoahistorica.blogspot.com/2014/07/mosteiro-de-sao-bento.html>>

Acesso em 15 de Março de 2018

Figura 22: Mosteiro de São Bento (1916). B

Escadaria de São Bento e parte do Viaduto de Santa Efígenia

Disponível em: <<http://garoahistorica.blogspot.com/2014/07/mosteiro-de-sao-bento.html>>

Acesso em 15 de Março de 2018

Figura 23: Mosteiro de São Bento na atualidade. A

Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/aragao/9345954327/>>

Acesso em 15 de Março de 2018

Figura 24: Mosteiro de São Bento na atualidade. B

Disponível em: <<http://spcuriosos.uol.com.br/mosteiro-de-sao-bento-oferece-aulas-de-filosofia/>>

Acesso em 02 de Maio de 2018

Figura 25: Coro dos Monges do Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Disponível em: <<http://mosteiro.org.br/>>

Acesso em 02 de Maio de 2018

Figura 26: Antifonal antigo A

Acervo pessoal: Pedro Henrique da Silva Costa

Figura 27: Antifonal antigo. B

Acervo pessoal: Pedro Henrique da Silva Costa

Figura 28: Antifonal antigo C

Acervo pessoal: Pedro Henrique da Silva Costa

Figura 29: Rotina diária do mosteiro.

Acervo pessoal: Pedro Henrique da Silva Costa

Figura 30: Missa conventual (10h00min)

Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/brunch-do-mosteiro-completa-10-anos/>>

Acesso em 02 de Maio de 2018

Figura 31: Missa Tridentina (18h00min). A

Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/193725221456461587/>>

Acesso em 02 de Maio de 2018

Figura 32: Missa Tridentina (18h00min). B

Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/193725221456461551/>>

Acesso em 02 de Maio de 2018

Figura 33: Missa Tridentina (18h00min). C

Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/graduale/29635747662/in/photostream/>>

Acesso em 02 de Maio de 2018

Figura 34: Cartaz do curso de canto gregoriano A

Disponível em: <<http://mosteiro.org.br/?event=aula-de-canto-gregoriano>>

Acesso em 20 de Maio de 2018

Figura 35: Cartaz do curso de canto gregoriano ministradas por leigos.

Disponível em:

<http://www.montfort.org.br/bra/destaques/eventos/oficina_gregoriano_06/>

Acesso em 20 de Maio de 2018

Figura 36: Palestra de canto gregoriano que foi ministrada pelo professor Ricardo Abraão.

Disponível em: <<https://culturageralsaibamais.wordpress.com/2009/09/03/palestra-sobre-o-canto-gregoriano/>>

Acesso em 20 de Maio de 2018

Figura 37: CD Celestia

Disponível em: <<http://www.comprazen.com.br/2123/cd-caelestia-fortuna-monges-benedictinos-sao-bento-canto-gregoriano-judaismo>>

Acesso em 23 de Maio de 2018

Figura 38: Mosteiro de Santo Domingo de Silos. A

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/santo-domingo-de-silos-mosteiro-552170/>>

Acesso em 23 de Maio de 2018

Figura 39: CD de Canto Gregoriano dos Monges de Santo Domingo de Silos.

Disponível em: <<https://www.amazon.com/Chant-Benedictine-Monks-Santo-Domingo/dp/B000002SKX>>

Acesso em 23 de Maio de 2018

5.2 REFERÊNCIAS AUDIVISUAIS

Choeur des moines bénédictins de Santo Domingo de Silos. L'âme du chant grégorien. La Misa de "Angelis", cantada por los monjes del Monasterio de Santo Domingo de Silos, orden de San Benito. Believe Music, WMG (em nome de Editions Jade) e 3 associações de direitos musicais. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lbv99vFK9Yk>> Acesso em 10/01/18

DOMINICAN 'Salve Regina' - Dominikanskinapjev 'ZdravoKraljice'. **Publicado em 4 de out de 2010**

Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=zETlm4i-Aqs>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

GLORIA (Missa Cum iubilo). Solennità del Natale del Signore - Santa Messa della Notte Basilica Vaticana, 24 dicembre 2011. Publicado em 4 de fev de 2012.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EEQvSruNUhY>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

GREGORIANO CANTO : Magnificat em Português (Gregorian Chants). Gravado no Mosteiro da Ressurreição (Paraná, Brasil em 1994). Publicado em 16 de jul de 2016.

Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=PPwflHYoPXQ>> Acesso em: 15 de Novembro de 2018.

KYRIALE : Messe VIII - De Angelis "Kyrie" · Chœur des moines de l'Abbaye Saint-Pierre de Solesmes. Les plus beaux chants grégoriens : « Kyriale » par le Choeur des Moines de l'Abbaye Saint-Pierre de Solesmes. © 2017 Mon patrimoine musical. Author: Rights Reserved, Composer: Rights Reserved. Released on: 2017-04-27.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ufvZWwzm9sU>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

KYRIE na missa do galo na Basílica de São Pedro, no Vaticano, presidida pelo papa Francisco. Publicado: 29 Novembro de 2017.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TDDIIKbpTww>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

MESSE IX (Fêtes de la Vierge): Gloria. Chœur des moines de l'Abbaye de Solesmes. Ave Maria -Immortel Grégorien. [Merlin] IDOL Distribution (em nome de Studio SM). Publicado em 19 de set de 2017.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OCHPvX2cbCk>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

SALVE REGINA- Antiphona/In Conceptione Immaculata B. Mariae Verginis (December 8th). Choralschola Der Wiener Hofburgkapelle. UMG (em nome de Universal Music). Publicado em 31 de dez de 2010.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0OIDAc-zFkY>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.